

Irmã Sara Donata Isella



**A Mestra:
uma identidade em
relação**



ICSFA

Olhe dentro do espelho todos os dias, ó rainha, esposa de Jesus Cristo, e espelhe nele, sem cessar, o seu rosto, para enfeitar-se toda, interior e exteriormente, vestida e cingida de variedade (Sl 44,10), ornada também com as flores e roupas das virtudes todas, ó filha e esposa caríssima do sumo Rei. Pois nesse espelho resplandecem a bem-aventurada pobreza, a santa humildade e a inefável caridade, como, nele inteiro, você vai poder contemplar a graça de Deus (4ª carta de Santa Clara à Santa Inês de Praga, 15-19: FF 2902-2903).

IRMÃ SARA DONATA ISELLA

**A MESTRA:
UMA IDENTIDADE EM RELAÇÃO**

Tradução

Frei João Carlos Karling, OFM

Revisão

Frei Plácido Robaert, OFM



ICSFA
Porto Alegre
2022

PROVÍNCIA SÃO FRANCISCO DE ASSIS NO BRASIL

*Av. Juca Batista, 330 – B. Ipanema – 91770-000 – Porto Alegre – RS
CNPJ: 35.332.968/0001-08 – secretariaofmrs@franciscanos-rs.org.br*

EQUIPE DE COORDENAÇÃO E EDITORAÇÃO

Editoração: Frei João Carlos Karling, OFM, e Frei Arno Frelich, OFM.

Tradução: Frei João Carlos Karling, OFM.

Capa e ilustração: Frei Arno Frelich, OFM.

Revisão: Frei Plácido (Darcísio Urbano) Robaert, OFM.

Título original: La Maestra: un'identità in relazione.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

178

Isella, Sara Donata

A Mestra : uma identidade em relação [recurso eletrônico] / Irmã Sara Donata Isella – Porto Alegre: ICSFA, 2022.

96 p. : il. : color. ; 23 cm.

Título original: La Maestra: un'identità in relazione.

Tradução e a publicação do texto para as Irmãs Clarissas da Federação Sagrada Família, no Brasil. Em nome da Federação Sagrada Família, das Clarissas do Brasil.

Dados eletrônicos: 518 kB.

ISBN 978-65-88060-20-9

Modo de acesso:

<https://www.franciscanos-rs.org.br/e-book-mestraidentidrel>

1. Vida Contemplativa Clariana. 2. Mestra/Formadora. 3. Clara de Assis, Santa, 1194-1253. 4. Francisco de Assis, São. 5. Processo formativo. I. Karling, João Carlos, OFM, trad. II. Robaert, Plácido, OFM, rev. II. Título.

CDU 271.973

Bibliotecária responsável: Andréa Fontoura da Silva – CRB10/1416

Aprovação: Porto Alegre, 08 de julho de 2022.

Frei Marino P. Rhoden, OFM - Ministro provincial – PSFAB

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
A MESTRA: UMA IDENTIDADE EM RELAÇÃO.....	11
1. Introdução	11
Então, mestras ou formadoras?	12
2. O texto bíblico: léxico do AT	14
Deus ensina na escuridão e na prova	19
3. O Novo Testamento	23
Três breves exemplos.....	27
4. A Igreja mestra	28
5. O mestre na História da Igreja	29
6. A figura da mestra e sua tarefa no <i>corpus</i> das fontes clarianas.....	47
7. Santa Clara, mestra.....	61
8. A mestra na regra de Santa Clara	78
O que entendemos, quando falamos de <i>discretio</i> ?.....	79
BIBLIOGRAFIA	93



T



GLOSSÁRIO DAS SIGLAS

AT	Antigo Testamento
Cf.	Confira
FF	Fontes Franciscanas
ICSFA	Instituto Cultural São Francisco de Assis
MR	Critérios Diretivos para as Relações Mútuas entre os Bispos e os Religiosos na Igreja
NT	Novo Testamento
OFM	Ordem dos Frades Menores
p.	Página
Pról	Prólogo
PSFAB	Província São Francisco de Assis no Brasil
ss	Seguintes
1Cor	Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios
1Pd	Primeira Carta de São Pedro
1Sam	Primeiro Livro de Samuel
1Tess	Primeira Carta de São Paulo aos Tessalonicenses
1Tim	Primeira Carta de São Paulo a Timóteo
2Cor	Segunda Carta de São Paulo aos Coríntios
2Cr	Segundo Livro das Crônicas
2Re	Segundo Livro dos Reis
2Tess	Segunda Carta de São Paulo aos Tessalonicenses
At	Livro dos Atos dos Apóstolos

Col	Carta de São Paulo aos Tessalonicenses
Dt	Livro do Deuteronômio
Ef	Carta de São Paulo aos Efésios
Esd	Livro de Esdras
Ex	Livro do Êxodo
Ez	Livro do Profeta Ezequiel
Fil	Carta de São Paulo a Filêmon
Gen	Livro do Gênesis
Gl	Carta de São Paulo aos Gálatas
Hb	Carta de São Paulo aos Hebreus
Is	Livro do Profeta Isaías
Jer	Livro do Profeta Jeremias
Jo	Evangelho de São João
Lc	Evangelho de São Lucas
Mc	Evangelho de São Marcos
Mi	Livro do Profeta Miquéias
Ml	Livro do Profeta Malaquias
Mt	Evangelho de São Mateus
Ne	Livro de Neemias
Num	Livro dos Números
Os	Livro do Profeta Oséias
Pr	Livro dos Provérbios
Reg	Regra de Santa Clara
Rm	Carta de São Paulo aos Romanos
Sir	Livro do Siracide
Sl	Salmo
Test	Testamento de Santa Clara
Tt	Carta de São Paulo a Tito



APRESENTAÇÃO

“Visto que por divina inspiração vos fizestes filhas e servas do altíssimo e sumo Rei, o Pai celeste, e desposastes o Espírito Santo, escolhendo viver segundo a perfeição do santo Evangelho, quero e prometo, por mim e por meus irmãos, ter sempre por vós diligente cuidado e especial solícitude, assim como tenho por eles” (São Francisco e Assis, Forma de Vida para Santa Clara, FF 139).

É com alegria e gratidão que traduzimos, organizamos e, agora, apresentamos o texto da Madre Sara Donata Isella, *“A Mestra: uma Identidade em Relação”*. Em diálogo com a Irmã Sara Donata, Conselheira da *‘Federazione Santa Chiara’*, Itália, fomos autorizados e incentivados a fazer a tradução e a publicação do texto para as Irmãs Clarissas da *Federação Sagrada Família*, no Brasil. Em nome da Federação Sagrada Família, das Clarissas do Brasil, nossa gratidão.

A reflexão *“A Mestra: uma Identidade em Relação”* é fruto do percurso de Formação para as Formadoras da *‘Federazione Santa Chiara’*, Itália, no ano de 2020. É um texto de uso interno das Irmãs Clarissas, focado no conteúdo formativo, não tendo como preocupação primeira a *‘normativa acadêmica’*. Respeitamos a organização mais formal do conteúdo, assim como das notas e referências, com alguns leves ajustes.

Esse escrito da Irmã Sara Donata também pede a leitura e o estudo do texto da Irmã Chiara Mirjam Esposito,



“Mestra/Formandas: Identidade em Relação”, sendo, também, agora, publicado em separado.

Estimadas *Irmãs Clarissas da Federação Sagrada Família*, do Brasil, eis o texto. Querida Madre Maria Francisca, Presidente da Federação, gratidão pela leitura atenta do mesmo e pelo incentivo para a publicação. Gratidão também ao Frei Plácido Robaert, OFM, especialmente, pela paciente correção do português. Frei Arno Frelich, OFM, que comigo apresenta o texto, gratidão pela parceria nesse projeto.

Irmã Sara Donata Isella, na *Introdução* ao texto, apresenta *uma questão de tipo lexical*, sobre a qual é necessário ter clareza: mestras ou formadoras? Não existe, na verdade, contradição entre os termos, mas uma evolução na forma da Igreja apresentar o papel da Mestra/Formadora. Tendo sido convidados, especialmente depois do Vaticano II, ao retorno às fontes do carisma, a formação passará a ocupar um espaço central, de forma mais consciente na Vida Consagrada. E, para ressaltar essa centralidade da formação, passa-se a falar mais em Formadora e Formanda, ambas discípulas no aprendizado e seguimento do Senhor Jesus. Temos, pois, uma bela reflexão da temática em São Francisco e Santa Clara.

Visando aprofundar a reflexão acima apresentada, Irmã Sara Donata apresenta-nos, nos capítulos 2 e 3, o caminho e as referências sobre o tema Mestra/Formadora a partir do texto bíblico, do Antigo e do Novo Testamentos, em suas diferentes nuances e compreensões. O conteúdo central do Mestre e Formador Jesus é testemunhar a presença e referência permanente, o Pai: *“Como o Pai me ensinou, assim eu falo”*. Suas características, como Mestre e Formador, são 5: proclama o Reino de Deus; usa as parábolas, com sabedoria; no ritmo dos discípulos, com paciência; não deixando de ser, contudo, crítico, ‘em seus ais’ e questões provocadoras: *“também quereis ir?”*, *“vim trazer a espada...”*; *“sim, sim / não, não...”*, sem



dubiedades; para a entrega da vida servindo, lavando os pés das outras pessoas.

A Formação se dá no coração da Igreja, e como Igreja. Assim, Irmã Sara Donata, no capítulo 4, nos apresenta a Igreja como Mestra, que introduz a discípula no Caminho. É dela que se recebe o mandato, não como questão facultativa, mas central. O mesmo brota do coração do Ressuscitado! Leva-nos a percorrer os Santos Padres, desde as origens, até os dias atuais.

E, no capítulo 6, Irmã Sara Donata nos mergulha no *Corpus das fontes clarianas*, com maestria, sabedoria e simplicidade, abordando o tema proposto: Mestra/Formadora, a partir da visão de Santa Clara de Assis, com acenos, como não poderia deixar de ser, a São Francisco de Assis.

No capítulo 7, saindo do *Corpus das fontes clarianas*, eis o rosto de *Santa Clara, Mestra*. Testemunha da ação do Senhor em sua vida: “*Seu caminho era referência contínua à pessoa de Cristo e ao seu servo São Francisco, de quem ela nunca deixara de se definir ‘plantinha humilde’*”. As três faculdades centrais no caminho formativo, para Santa Clara, são o amor, a consciência e a memória, tendo sempre presente a consciência da própria fragilidade, o que pede formação da consciência e discernimento constante.

E, concluindo, não poderia faltar uma referência ao tema da *Mestra na Forma de Vida de Santa Clara*, como veremos no capítulo 8, onde Irmã Sara Donata irá aprofundar o tema do discernimento constante, da *discretio*, virtude central do caminho formativo e da Mestra, “na qual somente a bússola da fé pode ser guia”.

O texto de Irmã Sara Donata, mesmo que voltado para a Vida Religiosa Contemplativa Clarissa, é uma pérola para toda a Vida Consagrada, em seus processos de crescimento no Amor fecundo. E, porque não, para toda a Vida Cristã, chamada a ser



contemplativa na ação, dando a vida por amor, como o Senhor Jesus.

Na intercessão de Santa Clara e São Francisco, Paz e Bem.

Frei João Carlos Karling, OFM,

e

Frei Arno Frelich, OFM



A MESTRA: UMA IDENTIDADE EM RELAÇÃO¹

Tanto para elas como para as outras noviças, a abadessa providencie com solícitude uma mestra entre as mais discretas de todo o mosteiro, que as forme diligentemente, por um comportamento santo e bons costumes, de acordo com a forma de nossa profissão².

1. Introdução

O primeiro dado, sobre o qual gostaria de me concentrar, é de tipo lexical. As palavras têm um significado etimológico que pode assumir nuances particulares ou até mesmo diferentes, segundo os âmbitos e contextos culturais.

Na fala comum de nossos mosteiros, aquilo que vocês realizam é o serviço de *mestra*; na verdade, as nossas Constituições definem assim o papel daquela que acompanha e



¹ CURSO DAS MESTRAS 2020, Em La maestra: un'identità in relazione – di madre Sara Donata Isella, Corso maestre 2020 – Federazione Santa Chiara (insantaunita.org), **acesso 15/06/2021**.

² *Regra de Santa Clara* II,21-22: FF 2763: *Et tam ipsis quam aliis novitiis abbatissa sollicite magistram provideat de discretioribus totius monasterii, quae in sancta conversatione et honestis moribus iuxta formam professionis nostrae eas diligenter informet*. Nas citações e referências dos textos de Irmã Clara e Frei Francisco usamos *Fontes Franciscanas e Clarianas*, Org. Frei Celso Márcio Teixeira, OFM, Editora Vozes – FFB, Petrópolis, 2004. Incluiremos sempre a referência *FF*, que remete ao texto italiano *Fonti Francescane*, Terza edizione, rivista e aggiornata, a cura di Ernesto Caroli, Editrice Francescane, Padova, 2011.

guia as pessoas que entram no mosteiro, a fim de ingressar na vida religiosa.

A vida consagrada, nas últimas décadas, conheceu uma mudança lexical considerável, sobre a qual devemos concentrar nossa atenção. A Igreja, com seu magistério, colocou a ênfase na formação, tanto que até hoje, nos últimos documentos que nos foram entregues, esse tema aparece como o primeiro que deve, de alguma forma, ‘ordenar’ nossa vida contemplativa.

A mudança lexical fez com que comumente falemos de formadoras. Na federação³, em anos anteriores, conversamos sobre a escola para formadoras; depois, sobre um caminho para formadoras.

12



Então, mestras ou formadoras?

Se a pergunta que nos fazemos, nestes dias, é aquela da identidade, acredito que não seja uma questão de segunda importância dirigir nosso olhar sobre as palavras, talvez, para chegar a perceber uma sabedoria, e chegar a uma síntese necessária entre o que nossos santos nos legaram e o que a Igreja hoje nos pede. Todas sabemos que Santa Clara, na Regra, dedica a esse precioso serviço, apenas dois versículos no capítulo II⁴.

Sabemos também, pela sinopse cromática, que ambos os versículos estão entre aqueles que a comunidade de São Damião quis expressar num modo *proprium*, diferente daquele da Regra beneditina, inovador em relação às referências textuais de São

³ Trata-se da Federação Italiana das Irmãs Clarissas (nota do tradutor). Chi siamo – Federazione Santa Chiara (insantaunita.org)

⁴ Cf. *Regra de Santa Clara* II,19-20: FF 2762.

Francisco; semelhantes apenas na terminologia, em relação aos textos papais anteriores.

Um olhar atento nos escritos de São Francisco e Santa Clara pode dar-nos a ideia do quanto esse termo é pouco usado por São Francisco, por seus biógrafos, e pela própria Santa Clara. São, em vez disso, os irmãos e irmãs que reconhecem, num e na outra, seus mestres.

Nos escritos de São Francisco o termo aparece apenas duas vezes: na Regra não bulada⁵, para lembrar a palavra do Senhor: “*Não vos chameis de mestres; pois um só é o vosso Mestre*” e, na Antífona à Santa Maria⁶, na qual o próprio Filho é chamado de “*Senhor e Mestre*”.

Parece claro que o seráfico Pai, amante do Evangelho, considere Cristo o único Mestre e, talvez, por isso, ele não queira que nenhum entre seus frades assumira esse título.

Santa Clara, por sua vez, marcada pela legislação eclesial, que nesse entretempo consolidou a instituição do ano da prova, toma a terminologia das regras papais, mas dando-lhe outro sentido. Hugolino e Inocêncio IV de fato providenciam-lhe uma mestra que ensine as *cartas*, podemos dizer uma mestra de escola.

Discípula de São Francisco, Santa Clara entende esse termo de uma forma completamente diferente, como pode ser visto a partir do texto e da pergunta subsequente, tratada no capítulo X, das letradas e iletradas: “*e as que não sabem letras não procurem aprendê-las*”⁷.

⁵ Cf. Regra não bulada de São Francisco 22,35: FF 61.

⁶ Cf. São Francisco de Assis, Antífona à Santa Virgem Maria, FF 281.

⁷ Cf. Regra de Santa Clara X,8: FF 2811.



O espaço dentro do qual Santa Clara parece mover-se é o monástico: a Regra beneditina pede que, aqueles que entram no mosteiro, sejam confiados a um ancião, que os introduz nos caminhos de Deus. Por sua vez, o mundo monástico é marcado pela forma de vida religiosa dos padres do deserto. Aquele que quer escolher viver essa forma de vida, que se apresente a um *abbá*, geralmente consolidado na vida eremítica, que lhe ensine a caminhar nas *coisas* do Espírito.

Antes de mergulhar no contexto monástico, que marca o pensamento de Santa Clara, é necessário dar um passo atrás e dar uma olhada naquele que é o contexto bíblico e evangélico, no qual os próprios padres do deserto e a tradição monástica, inevitavelmente, se basearam.



2. O texto bíblico: léxico do AT

As referências da Escritura ao mestre, à arte de ensinar, são muitas. Incluo aqui somente algumas áreas de reflexão que acredito sejam úteis ao nosso trabalho.

O que na tradução italiana/portuguesa é indicado pelo termo *mestre*, na vulgata soa como *magister*; no texto grego como *didaskalos*, e no texto hebraico como *rabino*.

Deve-se dizer imediatamente que o termo esconde uma ambiguidade. A palavra hebraica, de fato, literalmente significa *meu grande*, de *rav*, grande, poderoso. Com o significado de *rabino*, encontramos-lo apenas na *Mishnah*. Na Bíblia hebraica, de fato, aquela do rabino não é uma ocupação, como, mais tarde o será. É verdade que é um título de importância, de

reconhecimento; é uma nuance que também pertence ao termo latino, *magister*, de *magis*, isto é, mais que, superior a...

A atividade do mestre é uma atividade que envolve um risco, uma ambiguidade. Ele pode se passar por maior que..., superior a..., para tornar-se o patrão de seus discípulos, com a arrogância de seu poder, de sua posição; em última análise, ele pode tornar-se um mestre da morte.

Talvez seja por isso que Jesus, no Evangelho de Mateus, use aquela expressão, citada depois por São Francisco: *“Não vos chameis de mestres; pois um só é o vosso mestre (didaskalos), aquele que está nos céus”*⁸.

Se esse é o aspecto arriscado, também é verdade que o mestre tem um grande valor; ele é uma figura positiva, significativa. O próprio Jesus nos ensina como nós podemos ser verdadeiros mestres quando, no Evangelho de João, diz aos seus discípulos: *“se, pois, eu, que sou mestre e Senhor, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros”*⁹.

O mestre, em síntese, para traduzir, é aquele que faz de sua vida um serviço, na dinâmica do dom de si mesmo; é aquele que lava os pés.

Duas considerações para fechar esse aspecto etimológico.

A primeira consideração a tomamos da primeira Carta aos Coríntios¹⁰ e da Carta aos Efésios¹¹: *“Deus colocou alguns como mestres”*. Não é contraditório ser chamado mestre, se esse título é um chamado de Deus e se ele é vivido no espírito de serviço.

⁸ Mt 23,8-10; Regra não bulada de São Francisco XXII,35: FF 61.

⁹ Jo 13,13-15.

¹⁰ 1Cor 12,28.

¹¹ Ef 4,11.



A segunda consideração é que devemos estar atentos a nós mesmos. Podem existir falsos mestres, precisamente pela ambiguidade, já acima acenada, quando se está a serviço de si mesmo e não da vida e da verdade. É uma tentação da qual ninguém escapa; disso devemos estar cientes: dentro de nós existe sempre o mestre que despreza, que condiciona o outro, que se faz patrão.

Não podemos ter aqui a pretensão de analisar toda Sagrada Escritura, mesmo que fosse muito interessante. Podemos, certamente, individualizar algumas áreas de reflexão: levando em consideração as palavras que temos no AT, as referências ao tema da formação são muitas, testemunhando uma centralidade bem definida da educação na cultura judaica.

16



Em primeiro lugar, não podemos fixar-nos apenas na palavra mestre. Ao lado dela, especialmente no AT, devemos colocar a palavra pai, sacerdote, profeta, sábio. São todos sinônimos que nos ajudam a desenvolver, num sentido amplo, a tarefa de ensinar. Na verdade, ensinar é o verbo que, precisamente, define a ação do mestre.

Em hebraico essa tarefa é expressa com diferentes verbos. Em primeiro lugar *lamad*, o que a bem da verdade, não significa ensinar, mas aprender; apenas na forma intensiva *limmed* passa a ser ensinar; da raiz למד *lmd* deriva o substantivo *talmud*, que indica a ação do estudo. A própria raiz hebraica em si não distingue entre ensinar e aprender, como se dissesse que o verdadeiro mestre é aquele que aprende e que, o verdadeiro discípulo é, no final, capaz de ensinar.

Como o mestre aprende? Ele aprende do discípulo que está ao seu lado, por ver sua sabedoria. Ele aprende porque o

próprio discípulo é o portador do dom de Deus. Aprende também que o discípulo, mesmo que não saiba, coloca o mestre em crise. Isso somente acontece se o mestre estiver atento ao discípulo e às suas perguntas.

É precisamente tarefa do discípulo que, muitas vezes, nos livros sapienciais é o filho, e que, na Sagrada Escritura, faz perguntas; as perguntas, antes de pedir uma resposta, procuram, naqueles que as recebem, uma ‘ferida’, colocam uma dúvida, obrigam a dar razões daquilo que está em nós, parafraseando São Paulo. O mestre, que não entra nessa lógica de reciprocidade, dificilmente pode ser uma figura significativa!

Outro verbo ligado ao serviço do mestre é o verbo *yaràh*, *jarah torah*, da raiz *yrh* ירה. Esse verbo, que nós traduzimos como ensinar, nos faz abordar um aspecto importante das Escrituras. Olhando bem, ele significa lançar, estender, fazer ver. O mestre por excelência é Deus, é Ele quem ensina sua sabedoria ao seu povo, a sabedoria da vida. Da raiz *yrh* deriva o substantivo *torah*, que traduzimos por lei.

Essa nuance é importante porque nos vem dizer que, na lei de Deus, está incluso seu ensinamento; e seu ensinamento é um lançar-se, dirigir-se para o caminho, é fazer ver um horizonte novo, alto!

Se analisarmos esse verbo no AT, na verdade, percebemos que ele indica um ensinamento que é o caminho e a vida. O manifestar-se de Deus em sua Lei torna-se uma via que conduz à vida¹².

¹² Seria desnecessário mencionar Jo 14,6: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”.



Além dos verbos *limmed*, *jarah*, há ainda o verbo *yasar*, da raiz יָסַר *ysr*, que num nível mais pedagógico significa plasmar, formar, corrigir, punir. Dele deriva *musar*, que significa disciplina; ou seja, o compromisso sério e ascético do conhecer. Para ser verdadeiramente mestre é necessária a capacidade de ser *musar*, ou seja, é preciso saber estar na fadiga do conhecimento, o que implica paciência, tempo, esforço.

Por último o verbo *jada* יָדַע, que significa conhecer. O mestre é alguém que conhece. Esse é um verbo que tem um enorme valor simbólico no ensino bíblico. Inclui o aspecto intelectual, volitivo, efetivo, afetivo. Poderíamos dizer, em nossa linguagem, que o mestre é um especialista em todas essas dimensões do humano. Um especialista da vida, no sentido de que fez a experiência e, por isso, a conhece, e somente por isso pode transmiti-la.

Nesse sentido, o mundo monástico tem olhado para os anciãos como verdadeiros mestres.

Deus, contudo, não ensina apenas pela lei. Deus ensina e se manifesta em suas obras. A criação é uma grande lição que Ele dá ao homem. Mas, a maior lição Deus a dá por meio de sua obra da salvação. Pensemos no Êxodo, e, gradualmente, em toda a história de Israel, que chamamos de história da salvação. Deus, continuamente, tira Israel da escravidão. Ele o faz primeiro no Egito, e depois de mil maneiras, ele o tira da escravidão do coração, para levá-lo à terra prometida da vida, que é a relação com Ele.

Finalmente, a última grande área do ensinamento de Deus é aquela que, talvez, permanece a mais difícil de ser compreendida. Deus manifesta-se no silêncio; pensemos no



profeta Elias, no Horeb. Mas, acima de tudo, pensemos naqueles dois livros do AT que, sempre, trazem um problema ao leitor: Qoelet e Jó.

Deus ensina na escuridão e na prova

Qoelet, um livro da crise da Sabedoria, um mestre que não acredita mais no que ensina, que parece não esperar por mais nada, e que, de qualquer forma, continua a refletir sobre esse misterioso falar de Deus através do vazio.

Jó, o homem que blasfema. Deus quase passa pela negação de si mesmo. E nós já pensamos, logo, no mistério da Cruz.

Um Deus mestre que passa pelo caminho da dureza, através daquela via que o discípulo não consegue entender, porque os nossos caminhos não são os seus caminhos¹³.

Se nessas três grandes áreas podemos incluir o ensinamento de Deus, antes de todos os ensinamentos dos homens, existe aquele que se origina de Deus, o verdadeiro mestre do seu povo¹⁴. É igualmente verdade que o homem instruído por Deus é convidado, por sua vez, a ser mestre.

Deus é mestre assim, e para fazer isso, ele se serve dos mestres. Escolhe pessoas que lhe emprestem a boca, as mãos, a vida. Nesse sentido, os sacerdotes, os profetas, os sábios de Israel são chamados ao serviço desse Deus que quer indicar o caminho da vida. Apesar dos milhares de nuances que este tema assume no curso da história de Israel e na consciência de ser o

¹³ Cf. *Is* 55,8.

¹⁴ Cf. *2Cr* 6,27; *Sal* 25,4.9; 71,17; 90,12; 119,7.12.66.102; *Is* 2,3; 30,20ss; 48,17ss; *Jer* 16,16.21.



povo escolhido, podemos dizer, com certeza, que o magistério fundamental é aquele que passa pela comunicação interpessoal, a catequese familiar, a relação fundada no amor.

Assim, essa função se realiza de diferentes formas, segundo a qualidade daqueles que a exercem, e, por isso, podem-se distinguir diferentes figuras que fazem o papel de mestre.

No AT os membros da classe sacerdotal estão voltados para o ensino. No entanto, não existe um traço de uma verdadeira e própria categoria de mestres e alunos. Existem, principalmente, os sábios, que são os verdadeiros mestres do povo, que com ele estabelecem uma relação semelhante à existente entre pai e filho¹⁵. Eles não têm uma nomeação oficial, mas seu ensinamento é dirigido a todos aqueles que querem aprender. O conteúdo do ensinamento, poderíamos dizer, é resumido na vontade de Deus, que se manifesta na lei e na sabedoria, guia segura para os homens¹⁶.

Brevemente, duas considerações, para resumir:

No AT o magistério fundamental é aquele que passa de pai para filho, por meio de uma comunicação interpessoal, que se dá numa relação de amor. O pai e a mãe são os fiadores da transmissão da Torá.

No Livro dos Provérbios, o pai continuamente diz: 'Filho meu...' e lhe doa sua sabedoria. Ele é o mestre que deseja o crescimento de seu filho, em nome da relação que os une¹⁷.

¹⁵ Cf. *Pr* 1,8; 3,1; 4,1; 5,1.7.

¹⁶ *Pr* 2,6; *Qoelet* 2,26.

¹⁷ *Pr* 1,8; 9,6.20-23.31; *Dt* 6,4-9; 11,19; 33,4; *Ex* 12; *Sal* 78.



Um exemplo eloquente é aquele que nos é dado no Livro do Êxodo¹⁸, a *haggadah*. Ela não é outra coisa, senão que a narração feita através de um diálogo pai-filho, sobre o significado dos ritos da Páscoa. Essa narração tem o objetivo de chegar à descoberta da ação libertadora de Deus. Talvez, em nenhum outro texto, nos é dado ver melhor a função do mestre na família, na relação de amor, que ensina a liberdade e faz conhecer um Deus que liberta.

Entre os mestres, pois, estão os sacerdotes e, com eles, os doutores da lei e os escribas, os profetas, os sábios.

Apenas breves exemplos: o sacerdote Eli, que ensina Samuel a descobrir sua vocação, através da descoberta daquela voz que fala à noite¹⁹. Os sacerdotes são os guardiães do conhecimento da Torá²⁰; ao lado deles, os escribas, que são copistas, estudiosos, especialistas na arte de escrever comentários das Escrituras.

Durante o exílio, eles levam ao cumprimento a compilação do Pentateuco e, depois de retornar à terra prometida, Esdras, sacerdote e escriba, promulga essa lei perante o povo de Jerusalém²¹. A partir desse momento é o escriba que assume o papel de intermediário do ensinamento divino. É a partir do escriba que a figura do rabino se origina, tão significativa na época de Cristo.

Esdras é um grande mestre, que faz suas preleções sobre a Palavra de Deus. Se relêssemos Neemias²², perceberíamos que

¹⁸ Cf. Ex 12.

¹⁹ Cf. 1Sam 3.

²⁰ Os 4,6; Dt 33,10; Mi 3,11; Jer 18,18; Ez 7,26; MI 2,7-9.

²¹ Esd 7; Ne 8,1-4.

²² Cf., especialmente, Ne 8.



ele é um mestre que também pode nos ensinar a tornar-nos mestres da Palavra de Deus. Trago aqui aquelas sete palavras que marcam a narrativa: ler, explicar, compreender, ouvir, chorar, dar, celebrar. Poderíamos fazer um curso apenas sobre esses sete verbos. Se olharmos bem, eles de certa forma, indicam a parábola do ensinamento que a Igreja oferece por meio de seus vários ministérios.

Existem também os sábios, mestres da vida²³. O autor do Livro da Sabedoria, que se apresenta como Salomão, busca reescrever, através das categorias do mundo grego, a grande aventura de Israel. Um mestre sábio, que tenta dialogar com um outro horizonte cultural, que busca operar uma mediação interessante, a fim de narrar a grande lição de Israel com novas coordenadas. Um mestre faz isso também!

22



Finalmente, os profetas: homens de Deus, mediadores de sua Palavra, porta-vozes de sua mensagem, perscrutadores dos sinais dos tempos: esse é a maneira deles ser mestres²⁴.

O maior profeta que já veio ao mundo: Moisés. Os judeus o chamam por um nome particular: *Morenu*, que quer dizer, *nosso mestre*. Em que sentido Moisés é mestre? Deveríamos recuperar toda sua história; permanecem, contudo, as palavras emblemáticas do Êxodo: “*Estarei em sua boca, vou instruí-lo naquilo que terás que falar*”²⁵. E Moisés, de fato, falará e salvará. Olhando bem, seria o último a ser escolhido: gago, incapaz de falar; que tinha em si mesmo uma fragilidade estrutural.

²³ Pr 1,8.10; 2,1; 3,1; 3,21; 4,1-17.20; 5,13; Qoelet 12,9; Sir 30,3.

²⁴ Dt 18,20.22; Is 1,10; 8,16.20; 1Sam 10,5; 19,20; 2Re 2,3.5; 3,22; 4,1.38; 6,1; 9,1.

²⁵ Cf. Êx 4,12, mais tarde retomadas em Êx 24,12.

Todo verdadeiro profeta, assim como todo verdadeiro mestre, fala as palavras de Deus. Embora ciente de suas fragilidades, torna-se disponível para um projeto maior, porque Deus, para ensinar seu povo, usa rostos concretos. É o tema da mediação, que se torna mais consistente com o NT, onde aparece a grande Mediador.

3. O Novo Testamento

O termo usado no NT é *didaskalos*. Aparece 58 vezes, das quais 48 vezes nos evangelhos, aplicado a Jesus. O verbo do qual deriva é *didàskhein*, ensinar, que ocorre 95 vezes, das quais dois terços sempre aplicados a Jesus.

As recorrências falam, imediatamente, de um fato óbvio: o verdadeiro Mestre da comunidade cristã é Jesus. Delas também fica claro que esse mestre tem características particulares. Em primeiro lugar, ele é um *rabino*, como muitos de seu tempo, que se insere na grande tradição do rabinato de seu povo, mas que, em certo sentido, se desvia.

É ele quem, por exemplo, escolhe seus discípulos e não o contrário; entre seus seguidores encontramos mulheres e até mesmo um publicano²⁶. O rabino Jesus não seguiu a formação prevista, não foi legitimado por uma ordenação²⁷. Ele fala em público, as multidões o seguem; ele fala onde quer que esteja:



²⁶ Lc 8,1-3; Mc 2,13.

²⁷ Jo 7,15; Mt 13,54-57.

junto ao mar²⁸, nas montanhas²⁹, nas estradas³⁰, nas sinagogas³¹, no templo³² e em casas particulares³³. É como se cada encontro para ele fosse uma oportunidade de ensinar, mesmo em terras pagãs ou cismáticas, como a Samaria³⁴.

Ele é um mestre respeitável, que fala com autoridade³⁵. Possui uma autoridade que outros mestres não têm e, ao mesmo tempo, ensina o caminho de Deus, segundo a verdade. Jesus não ensina de acordo com a conveniência³⁶; ele nem sequer ensina a fazer proselitismo; ele não se curva a distorções; indica o caminho da vida sem meias medidas. Não ensina seus discípulos a se tornarem escribas; pretende prepará-los para a vinda do Reino, para que estejam plenos de fé e esperança³⁷.

O conteúdo de seu ensinamento, poderíamos dizer, é transcendente: *como o Pai me ensinou, assim eu falo*. Ele é um mestre que vai além das fronteiras do conhecimento humano, porque bebe diretamente do coração do Pai. Sua é a verdade, porque Ele é a verdade e, ao mesmo tempo, sempre se refere às Escrituras e à vontade do Pai.

Poderíamos resumir as características do mestre Jesus em cinco pontos:

²⁸ Mc 8,14-15; Mt 13,2-3.

²⁹ Mt 5.

³⁰ Mc 8,27.

³¹ Mc 4,23; Lc 4,16; Jo 6,59.

³² Mc 11,17; Mt 21,23; Jo 7,14; 8,20.

³³ Jo 11; Mc 1,21.

³⁴ Cf. Jo 4.

³⁵ Mc 1,22.

³⁶ Mc 12,14.

³⁷ Mt 5-7; 19,3-9; 12, 49ss; 25, 31-46; Lc 11,5-13; 13,22-30; 17,5ss.



1. O conteúdo do ensinamento de Jesus é a proclamação do Reino. O Evangelho de Marcos, logo no início, nos apresenta este aspecto: *“o tempo se cumpriu; o reino de Deus está próximo, arrependei-vos e crede no Evangelho”*³⁸.

Jesus anuncia a plenitude da história. N’Ele cada fragmento do tempo disperso encontra seu ponto focal, seu centro, seu significado e sua plenitude. O reino de Deus se fez próximo, no sentido de que ele aconteceu, ele chegou. O plano da salvação de Deus é expresso em plenitude.

Então podemos nos converter e podemos acreditar. Podemos mudar de mentalidade, podemos redirecionar nossa vida, para que ela tome outra direção e, acima de tudo, se fundamente no Evangelho, se apoie sobre Ele. O verbo grego πιστεάω significa exatamente isso: apoiar-se sobre, fundar-se sobre.

Resumindo: o mestre anuncia o Reino e esse terá a força para converter e dar à luz a fé.

2. Jesus é um mestre sábio: usa a parábola, o símbolo, a narrativa³⁹. É um mestre capaz de comunicar. A tradição cristã nisso é grandiosa: usou a narrativa, a imagem, a beleza, a música. Soube fazer Teologia nas escolas, mas, também soube fazer Teologia com o ‘tu’ da oração. Nisso a experiência monástica foi exemplar. Jesus, o mestre, nos diz que, para chegar a seus discípulos, é necessário aprender a falar sua linguagem, ao menos, aqueles que podem entendê-la. Caso contrário, o ensinamento permanecerá estéril.

³⁸ Cf. *Mc* 1,15.

³⁹ *Lc* 10,25-37; 11,12; 15,11-32; 16, 19-31; *Jo* 12,24.



Jesus prefere confiar sua mensagem não às teorias abstratas, mas ao comportamento, à vida cotidiana, ao que acontece em situações concretas, porque isso torna possível ser envolvidos na verdade que Ele anuncia.

3. Jesus é um mestre paciente. Ele se adapta ao ritmo lento de seus discípulos, revela-se de forma progressiva e permite que, também os discípulos, descubram que são dessa forma, lentos, passando pelas resistências humanas. Passa-se da escuridão para a luz; talvez, por essa razão, o maior número de milagres, relatados pelos evangelistas, sejam sobre os cegos. A figura de Pedro permanece emblemática com relação à essa gradualidade e à paciência de Jesus. Assim como fica claro que o caminho previsto por Jesus passa pela Cruz.

4. Jesus é um mestre crítico. Seus sete 'ais', nesse sentido, permanecem sendo um testemunho livre da capacidade de denunciar o mal, de criticar, de não deixar ao acaso a formação dos seus. Não admite meias medidas, mediocridade, acomodações, comprometimentos, reservas. Pede o dom total da pessoa e de sua vida e, por isso, suas propostas são exigentes⁴⁰.

Ele corre o risco de perder os discípulos, como depois da multiplicação dos pães: *"também quereis ir?"*⁴¹; ou de se tornar impopular: *"eu vim trazer uma espada, que divide"*⁴². Seu discurso é como aquele dos profetas, sincero, certo: *"Sim, sim,*

⁴⁰ Mt 7,14; 12,30; Lc 12,49; 14,33; 16,13.

⁴¹ Cf. Jo 6,67.

⁴² Mt 10,35.



não, não"⁴³. Sua Palavra cria inquietação, é inconfundível, rasga as aparências para revelar a realidade.

5. O magistério de Jesus é serviço, como enfatizei no início. No texto de João⁴⁴, que citei anteriormente, parece que Ele liga intencionalmente a *senhor e mestre*, dois títulos de autoridade, o gesto de lavar os pés, típico de um escravo.

Três breves exemplos.

Em Marcos, no episódio da tempestade sobre o lago, os discípulos chamam Jesus desta forma: "*Mestre, não te importas que morramos?*"⁴⁵ Eles estão dizendo algo interessantíssimo: o mestre é aquele que deve se preocupar com a vida do discípulo, deve cuidar dele.

Em Lucas, os dez leprosos dirigem-se a ele, suplicando: "*Jesus, mestre, tem misericórdia de nós*"⁴⁶. O italiano⁴⁷ traduz mestre do termo *epistàta*, aquele que está em pé diante do outro, a posição do mestre. O episódio nos ensina que o mestre é aquele que se aproxima, que não fica à distância, que não foge, mas é capaz de ficar.

No famoso episódio do Pai nosso, Jesus é chamado a ensinar algo muito particular: "*Senhor, ensina-nos a rezar*"⁴⁸. O Pai, precisamente no ensino da oração, torna-se o horizonte ao qual Jesus não somente tende, mas com o qual, de certa forma,

⁴³ Mt 5,37.

⁴⁴ Cf. Jo 13.

⁴⁵ Cf. Mc 4,38.

⁴⁶ Cf. Lc 17,3.

⁴⁷ Assim como o português (nota do tradutor).

⁴⁸ Cf. Lc 11,1ss.



constantemente se relaciona. É o seu dom, o verdadeiro dom dado aos discípulos⁴⁹.

4. A Igreja mestra

A última grande área que levamos em consideração, ainda que brevemente, é aquela da Igreja Mestra, que nos introduzirá mais proximamente daquele que é o nosso serviço concreto.

O Magistério da Igreja não é uma questão facultativa; é um mandato que ela recebeu do Ressuscitado. O texto de referência encontra-se em Mateus⁵⁰. Jesus envia seus discípulos para ir e fazer discípulos todas as nações, ensinando-as a observar tudo o que Ele ordenou.

A Igreja é Mestra: cada discípulo recebe esse mandato. Seu ensinamento tem a ver com o Evangelho, ensinar tudo aquilo que Ele nos disse, assistidos pelo trabalho do Espírito, que *“nos lembrará e ensinará todas as coisas”*⁵¹.



⁴⁹ Jesus ensina a rezar com fé (*Mt 21,22*); com sinceridade (*Mt 6,5-7*); com humildade (*Lc 18,9-14*); com insistência (*Lc 18,1-8*); alguns dos motivos da oração, propostos por Jesus, para ter novos operários na messe do Senhor (*Mt 9,38; Lc 10,2*); por aqueles que nos perseguem (*Mt 5,44; Lc 6*); para reconhecer a casa de Deus como casa de oração (*Lc 19,49; Mc 11,17-28*); para vigiar em todo tempo (*Lc 21,36*); para não cair em tentação (*Mt 26,41; Mc 14,38*); para pedir ao Pai em seu nome (*Jo 14,13-14; 15,16; 16,26*). As páginas do Evangelho, além disso, descrevem a oração praticada por Jesus: por ocasião do seu batismo (*Lc 3,21*); na solidão (*Lc 15,16*); em toda parte: do monte à oração ao mar (*Mc 6, 46-52*); de noite (*Lc 6,12*); antes de eger os doze apóstolos (*Lc 9,18*); sobre o monte da transfiguração (*Lc 9,28-29*); antes de dar a instrução sobre a oração (*Lc 11,1*); a oração sacerdotal (*Jo 17*); reza por Pedro (*Lc 22,32*); reza na prova, no Getsêmani (*Lc 22,39-46*); reza na cruz (*Mc 15,34; Lc 23,34*); reza em cada momento pela Igreja e pela humanidade, intercedendo à direita do Pai (*Rm 8,34*).

⁵⁰ Cf. *Mt 28,19-20*.

⁵¹ *Jo 16*.

Olhemos o texto dos Atos dos Apóstolos: *“eram perseverantes no ensinamento dos apóstolos e na comunhão, na fração do pão e nas orações”*⁵². Paulo dirá de forma decisiva: *“não fui enviado para batizar, mas para ensinar”*⁵³.

O anúncio, na vida da Igreja, vem em primeiro lugar. Sem ele os sacramentos correm o risco de permanecerem ritos vazios, sem sentido ou confundidos com magia. Depois do anúncio vem a comunhão, os sacramentos, a vida espiritual. Os Apóstolos, obedientes ao mandamento de Jesus, ensinam no templo⁵⁴.

O que a Igreja ensina? Que Jesus é Senhor! Por trás dessa afirmação existe todo o conteúdo do Magistério da Igreja. Talvez não devêssemos tomar isso como óbvio. Somos, verdadeiramente, mestres que ensinam que Jesus é o Senhor? E o que isso significa para nós, para nossas vidas, a vida de nossas comunidades?



5. O mestre na História da Igreja

Embora não possamos desenvolver plenamente esse argumento, não podemos pensar que o tema da educação, da formação e, portanto, de uma figura de referência, seja apenas do mundo bíblico e eclesial. O mundo pagão, no qual a Igreja vive desde seus primeiros anos, conhece seu desenvolvimento no antigo mundo greco-romano.

⁵² Cf. At 2,41.

⁵³ Cf. 1Cor 1,17.

⁵⁴ Cf. At 5,21.42.

A primeira forma de educação é, principalmente, oral e, em Roma, é representada pela educação transmitida pelo *pater familiae*.

A disseminação da escrita levou cada vez mais à democratização da cultura: nascem verdadeiros e próprios especialistas em educação. Nesse sentido, também o cristianismo se encontrará envolvido, no mundo antigo, num dinamismo cultural que vê sempre mais unidas a religião e a escola. Os autores eclesiásticos do segundo século da era cristã são suas testemunhas autênticas. As influências nesse sentido são recíprocas e inseparáveis. Desenvolvendo as experiências e reflexões bíblicas, mas também a cultura pagã, a tradição cristã impostará sua Teologia em relação a toda a comunidade e à história, da qual o próprio Deus é o pedagogo.

30



Nos dois primeiros séculos de vida da Igreja, a formação cristã possui um caráter familiar e está ligada ao tema do catecumenato. A transmissão do cristianismo foi, naquela época, o primeiro objetivo da Igreja nascente. O batismo não estava ligado a um fato cultural, era uma decisão pessoal forte e clara, que implicava, na época, a mudança de religião. A fé e a conversão eram as condições *sine qua non*, para receber o batismo.

Catecúmeno significa aquele que é instruído. O catecumenato previa um caminho bem definido, no qual a Igreja, a comunidade, se expressava com ritos particulares: a acolhida, a eleição, a *traditio* e a *redditio Simboli*, a entrega do Pai Nosso e, finalmente, os três sacramentos da iniciação cristã.

A comunidade estava empenhada em acolher e rezar pelos catecúmenos. Os catequistas, empenhados em primeira

pessoa, faziam uso de uma proposta formativa que se desdobrava numa tríplice forma: a escuta da Palavra, as celebrações eucarísticas, das quais os catecúmenos eram convidados a sair após a liturgia da Palavra, e os exercícios penitenciais.

É como se a Igreja nascente, com essa modalidade, estivesse expressando sua capacidade formativa. Seria interessante, nos programas de formação, retomar a sabedoria escondida nessa experiência, considerando o fato de que a profissão religiosa é o pleno florescimento da graça do batismo.

A partir das exigências do catecumenato no século III nasce, em Alexandria, uma primeira forma de escola, o *Didaskaleion*: é nesse ambiente que aparecem as obras de Clemente de Alexandria.

Ao lado dele, Orígenes, em sua escola de pensamento, irá mais longe: no *Discurso a Orígenes*, composto por um de seus alunos em 238, encontra-se a descrição da *paideia* cristã; o propósito do mestre é o sempre mais profundo entendimento do ensinamento divino, encarnado na pessoa de Cristo mestre. Com as obras de Clemente e Orígenes, dá-se uma primeira assimilação integral, seja da revelação cristã como da cultura antiga. A linguagem formativa da Igreja vai-se modificando no encontro com a cultura grega; podemos dizer que assume seu caráter filosófico.

As perseguições marcam fortemente o desenvolvimento da pedagogia cristã, tanto no sentido de uma parada obrigatória em relação à reflexão alexandrina, quanto na direção de uma maior consciência da imitação de Cristo. Os mártires tornam-se



os verdadeiros mestres, porque fazem de sua vida uma imitação do Mestre, que assume uma eloquência decisiva.

Como a Igreja forma nesse período histórico? A essa pergunta só podemos responder que a Igreja forma com a vida de seus filhos. Olhando para os mártires, os cristãos se dão conta do quanto o mistério da vida de Cristo se tornou palpável em suas experiências, a ponto de se expressar com o dom da vida. A Igreja é uma mestra, por meio das testemunhas!

Com o fim das perseguições, ocorre em todos os níveis uma transformação epocal. O Império, que se tornara romano-cristão, vê cada vez mais a Igreja como protagonista da tarefa educativa, quase tendo o primado, não só no âmbito espiritual, mas também na esfera cultural.

32  A perda do testemunho de sangue é compensada pelo nascimento e rápida disseminação de uma nova forma de testemunha: a do ascetismo monástico, seja na forma eremítica quanto naquela cenobítica. A imitação de Cristo Mestre, que anteriormente olhava acima de tudo para o mártir, agora olha sobretudo para o Cristo asceta, buscando reproduzi-lo em todos os aspectos descritos pelo Evangelho. Tudo isso já é evidente na biografia de Antônio, o Egípcio, escrita por Atanásio, em torno de 356, mas torna-se ainda mais sistemática na teorização do monasticismo, realizada pelos Padres da Capadócia, especialmente por Gregório de Niceia⁵⁵.

⁵⁵ Remetemos aos escritos de Gregório de Niceia: *Fine, professione e perfezione del cristiano*, de 390-394, aproximadamente.

Algumas décadas antes, Ambrósio de Milão havia desenvolvido uma operação semelhante, propagando a virgindade, como uma imitação de Maria, mãe de Jesus.

Iremos deter-nos um pouco mais na definição do mestre, que nasce nesse ambiente, porque ele terá grande influência não somente em todo o mundo monástico, mas até em nossos santos e nossos dias.

Ao lado da experiência monástica também nasceram as escolas catequéticas de Antioquia, Edessa e Milão, que ainda estão comprometidas em harmonizar a cultura greco-romana com o espírito do cristão. Uma grande operação cultural.

No momento em que o cristianismo se torna a religião do império, quando o batismo se torna um dado cultural, desenvolve-se decisivamente a linguagem mistagógica. A explicação dos mistérios torna-se a primeira tarefa à qual os bispos não podem abdicar. É uma linguagem muito importante na História da Igreja, que nessa época encontra uma expressão tão básica e que não se perderá jamais ao longo dos séculos.

É mistagógica, por exemplo, pensando sobre isso, a linguagem que usamos no mosteiro, sempre que damos razão para os milhares de sinais e símbolos que pontuam a vida monástica. Ai de nós se não soubéssemos significá-los! E passá-los em frente!

A escola cristã tem como objetivo educar o homem novo. Desse fenômeno o maior expoente é João Crisóstomo.

Ao lado desse fenômeno basilar devem ser registradas as grandes controvérsias teológicas e cristológicas, que



desembocam nas definições conciliares, que, ainda hoje, têm valor fundante para nossa fé⁵⁶.

O resultado, em essência: Cristo, reconhecido em sua divindade, pré-existente à encarnação (Niceia); reconhecido na distinção e completude de suas duas naturezas, divina e humana, após a encarnação (Éfeso e Calcedônia); reconhecido como operante na Igreja por meio do seu Espírito, a terceira pessoa da Trindade (Constantinopla). Esse Cristo é sempre garantido, nas devidas condições, a todos os fiéis; ele não é um mestre puramente exterior, mas verdadeira graça de transformação radical e de divinização.

Em síntese, Cristo Mestre não é apenas o *rabbì* histórico, que viveu na Palestina, com seu ensinamento, com seu exemplo, com seus milagres, com sua morte e ressurreição; mas Ele também é, e acima de tudo, na atual fase da história da salvação, o Mestre existente e operante em tudo, com sua graça, isto é, no seu Espírito, o Espírito Santo.

A capacidade da Igreja de ser mestra, nesse imenso esforço que hoje chamamos sinodal, tem como resultado o ensinamento de doutrinas que possuem a capacidade de atravessar os tempos. Ainda hoje, se pensarmos bem nesse esforço dos padres, se funda em nossa fé.

Nesse sentido, cada mestre na Igreja é chamado a confrontar-se com a Verdade da fé; é chamado, com isso, a dar um alimento capaz de atravessar o tempo, as vicissitudes da história, sejam elas pessoais, eclesiais ou sociais.

⁵⁶ Os Concílios foram realizados em: 325, Niceia; 381, Constantinopla; 431, Éfeso; 451, Calcedônia.



Os aprofundamentos doutrinários, que surgiram, deram lugar para uma compreensão melhor da profundidade e da fisionomia mais autêntica do magistério de Cristo. Primeiramente, através das obras de Atanásio, Ilário, os Capadócius, Cirilo de Alexandria, Leão I; depois, sobretudo, através daquelas de Agostinho.

Agostinho, em sua obra *De magistro*, escrita em 389, na forma de diálogo com seu filho Adeodato, é o eco de experiências vividas, nas quais trata de temas da Pedagogia, do conhecimento e do método. O Mestre interior torna-se o verdadeiro Mestre do Cristão.

A tese de fundo é que os sinais, especialmente a linguagem, mas também os não-sinais, como as ações e as próprias coisas, são inevitáveis para buscar a verdade e comunicá-la; mas, ao mesmo tempo, são insuficientes, dado que cada um intui a verdade no seu íntimo, em virtude da presença do *Mestre interior*, à luz do Verbo, na graça do Espírito.

O princípio agostiniano da verdade, do conhecimento, da comunicação é, em essência, o da intuição. Ele vem assim enunciado na obra *De vera religione*, composta alguns meses depois, também em 389:

*Não sai para fora, retorna para ti mesmo: é no homem interior que a verdade habita. E se achas tua natureza mutável, transcende também a ti mesmo. Mas, lembra-te, quando te transcendes a ti mesmo, tu transcendes uma alma que pensa. Dirigi-te, portanto, para lá onde a própria luz da razão é acendida*⁵⁷.

⁵⁷ *De vera religione*, 39.



A *paideia agostiniana* será, então, aperfeiçoada com as obras de didática verdadeira e própria, como *De doctrina christiana*⁵⁸ e *De catechizandis rudibus*⁵⁹. Mas também será expressa através da descrição da *paideia* vivida, tanto no nível pessoal⁶⁰, quanto no nível histórico-social⁶¹.

Essa forma de *paideia* cristã desaparece quase completamente durante as invasões bárbaras. Estamos no início da Idade Média, que vai de 450 a 950. Quando, as escolas cristãs reaparecem, elas não são mais como as do período constantiniano. Nós as encontramos em grande parte ligadas aos grandes mosteiros; mas, em certo sentido, elas servem quase que exclusivamente à formação de candidatos para a vida monástica. O mesmo vale para as chamadas escolas episcopais, nas quais os futuros padres são formados.

Para os outros, a Liturgia, para todos os efeitos, com seu ensinamento, feito de palavras, gestos, símbolos e imagens, torna-se *escola*.

Para as pessoas da primeira Idade Média, portanto, Cristo como Mestre emerge, sobretudo, no âmbito do contexto litúrgico, na prática da oração.

O Cristo que se pode escutar, seguir e imitar nesse tempo, certamente, não é o *Pantocrator* das grandes basílicas românicas; é, acima de tudo, o Cristo orante. Nesse sentido, a espiritualidade do Mestre interior prevalece ao nível de massa e

⁵⁸ *De doctrina christiana*, 396-397, 427.

⁵⁹ *De catechizandis rudibus*, 405.

⁶⁰ *Confessionum libri*, 397-401.

⁶¹ *De Civitate Dei*, 413-426.



influenciará nossa história de forma decisiva. O cristianismo, em última análise, jamais será reduzido a uma mera escola filosófica.

Estamos na era de grandes nomes, como Clímaco (579-649) no Oriente; e, de Gregório, o Grande (540-604), no ocidente, com a incipiente 'Teologia monástica'.

Este é o tempo em que, especialmente dentro do mundo aristocrático, se enfatiza cada vez mais a imagem do Cristo orante, cavaleiro, valente e leal. Essa consciência vai, sobretudo, ao encontro da mentalidade germânico-bárbara, que já havia se espalhado por todo o império. Um exemplo muito significativo disso é o *Manual* de Dhuoda. Uma mulher que, em 843, dirige ao filho uma série de regras para que ele se torne um cavaleiro leal.

Dhuoda dirige e dedica ao seu filho mais velho, William, que vive na corte de Carlos, o Calvo, um livro que ela escrevera, o assim chamado *Manual*. Trata-se de um texto que ela compara a um espelho, no qual William pode refletir a si mesmo, para se tornar um perfeito cavaleiro, ou seja, um homem que sabe dar conselhos sábios ao rei e ajudá-lo na guerra. O *Manual* foi chamado de '*o livro do perfeito aristocrata*', cujas principais qualidades destacadas são a fortaleza, a lealdade ao rei e a justiça.

Esse é um dos textos que, nos séculos seguintes, dará vida a essa cultura cavaleiresca, da qual o próprio São Francisco permanece devedor.

É supérfluo destacar a importância do período histórico imediatamente anterior e posterior ao ano 1000. Foi um momento de passagem, fundamental para todo o cristianismo, tanto no Ocidente quanto no Oriente, mesmo se com resultados opostos. No Ocidente, o renascimento, que começou antes do



ano 1000, é de natureza quase integral: refloresce a economia, aumenta a população, as cidades são reanimadas e os primeiros reinos são formados; paralelamente, inicia a reforma Clunicense-Gregoriana, a sociedade cristã se renova, as cruzadas são organizadas, as bases da nova cultura escolástica e da nova secularização, até a fundação das primeiras universidades. No Oriente, pelo contrário, os vários cristianismos estão na defensiva e em regressão, tanto em face do islamismo quanto diante da agressividade do Ocidente.

No Ocidente Cristão estamos apenas no início da grande aventura cultural, que cobrirá todo o milênio seguinte. Delineia-se, na verdade, a contraposição não somente entre Igreja e Estado, através da luta contra as investidas, mas também a contraposição entre o pensamento místico-simbólico e o pensamento dialético-racional, que levará muito longe o desenvolvimento das ciências e do conhecimento.

O iniciador do método dialético-racional, na nova onda cultural filosófica e teológica, é Anselmo de Aosta⁶². Ele coloca-se diante do problema da existência de Deus, buscando a solução necessária na própria lógica.

Também, como reação a essas tendências da Teologia Dialética, compreende-se a insistência com que Bernardo de Claraval⁶³ começa a desenvolver a devoção à humanidade de Cristo e a devoção a Maria. É a retomada do discurso de Éfeso e Calcedônia. Mas, acima de tudo, é o desenvolvimento sempre mais concreto e apaixonado da 'Teologia monástica', uma adesão sensível à Palavra de Cristo, a fim de chegar a uma adesão

⁶² Viveu de 1033 a 1109.

⁶³ Viveu de 1090 a 1153.



sensível à sua própria Pessoa, na tentativa de identificação entre discípulo e Mestre Divino.

As duas correntes do pensamento filosófico-teológico, apesar de erros e condenações, continuam seu caminho. Nos dois casos, tanto na tendência racionalista, quanto na tendência simbólica, ambas exageradas, é distorcida a relação justa entre o homem-discípulo e Deus, que se faz Mestre na Escritura, em Cristo, na Igreja.

Paremos aqui nessa visão geral da história, para entrar um pouco mais profundamente no ambiente monástico, para o tema que mais nos interessa.

Obviamente, a sabedoria da Igreja não para por aqui: não podemos esquecer a contribuição da Escolástica, a contribuição e a linguagem dos anos 500, com as Congregações ligadas à educação; a dos anos 800, com a grande floração das Congregações caritativas. São todas linguagens formativas, nascidas e crescidas em diferentes tempos, com o encontro de diferentes eventos, nos quais o Espírito encontrou nova maneira de proclamar o mistério de Deus.

Retornemos à experiência de Antônio, Abade, que é reconhecido como o primeiro dos mestres ascéticos. Para ele, ao menos no Ocidente, farão referência as experiências ascético-monásticas que vão surgir. Com base em sua vida, pode-se observar algumas nuances marcantes, que caracterizam um mestre: a origem do chamado, as fases da vida, o testemunho por irradiação.

Antônio morreu aos 104 anos. Ele não assumiu esse tipo de vida para se tornar mestre, mas, em síntese, para salvar a si mesmo e conhecer Cristo. Disso deriva o seu tornar-se mestre.



Na verdade, ele começou a desenvolver seu ministério pedagógico somente depois dos 35 anos de vida oculta e ascética; ele devia ter em torno de 55 anos. Na qualidade de ancião, Antônio dará vida a uma corrente de idosos, como ele. Por essa razão, no mundo cristão, ser mestre, muitas vezes, estará ligado à idade avançada. Em muitas das antigas regras monásticas, os dois termos, praticamente, se tornarão sinônimos.

Bem cedo, sob a influência de Cassiano, o termo ancião não designará mais uma categoria social, avançada na idade, mas uma categoria espiritual. Ancião, mestre, era o monge que, depois de uma válida experiência jovem, sob a guia de um ancião, no aprendizado das Escrituras, aprende a distinguir os pensamentos do coração, aprende as virtudes e erradicação dos vícios, tendo atingido uma maturidade completa que, juntamente com o dom do discernimento dos espíritos e do conhecimento íntimo de Deus, poderia, por sua vez, ensinar aos outros a mesma sabedoria monástica.

Geralmente esses anciãos não eram revestidos por funções, muito menos eram sacerdotes, eram simplesmente *pais espirituais*. Ao pai espiritual somente se pedia de ser um autêntico *espiritual*, isto é, de ser um homem que carregava o Espírito que havia recebido, depois de uma longa luta e perseverança no serviço divino.

Ao ancião dava-se o nome de pai, *abbá*, que, na linguagem, passou, sem modificação, para o grego, o copta, o latim. *Abbá*, mestre, logo passou a ser usado indistintamente, pelo menos até que o termo *abade* não fosse revestido dessa



importância jurídica, perdurando até os nossos dias. Ancião, mestre, *abbá*: termos que indicavam a mesma realidade.

*A caridade para com Deus e o próximo, com o discernimento dos espíritos, que os colocava em posição de aconselhar, com lucidez, seus discípulos, era, sem dúvida, sua qualidade mais perceptível. E a caridade, acompanhada de uma profunda humildade, gerava aquela doçura e mansidão, típicas dos monges mais célebres do deserto. Na verdade, nada é mais estranho aos nossos idosos do que dureza, a inflexibilidade, a incompreensão*⁶⁴.

Outra qualidade importante era

*a de estar em condições de expressar-se e comunicar aos outros a própria visão das coisas, a própria interioridade, feita de caridade e indulgência, a certeza translúcida que, para eles, derivava do dom da diakrisis*⁶⁵.

E, finalmente, “a inclinação para ensinar mais pelo exemplo do que pela palavra”⁶⁶.

Aqui estão as características típicas do mestre. Não havia novição que pudesse isentar-se de procurar um mestre, ao qual obedecer, respeitar e amar, que lhe transmitisse o legado de uma tradição viva.

Como o mestre exercitava sua arte formativa? Podemos dizer que essa acontecia, além do exemplo de vida, com a *técnica* da abertura do coração, que não era a confissão dos pecados, mas a manifestação dos pensamentos; não era nem mesmo uma memória do passado que, se lembrado, é para que se torne o objeto da compunção do monge.

⁶⁴ *Origini del monachesimo*, p 108.

⁶⁵ *Ib.* p. 110.

⁶⁶ *Ib.* p. 111.



Hoje as ciências já nos ensinaram que o passado não está simplesmente às nossas costas. Ele está dentro de nós, com o qual fazemos os ajustes de contas. Acredito que seja oportuno lembrar aqui que, essa abertura do coração tinha como objeto as inclinações do momento, as sugestões e os impulsos interiores, que se moviam no coração do discípulo. Era a aceitação de trabalhar sobre o desejo, em seu nascimento. Quando o discípulo abria o coração?

Na dinâmica da tentação reconheciam-se diferentes estágios: a sugestão, o colóquio interior, a luta interior, a aceitação, a paixão-vício, a prisão.

A manifestação dos pensamentos precisava acontecer imediatamente depois da sugestão, para evitar que crescesse dentro de si e se tornasse um vício, uma prisão, da qual o discípulo não estaria em condições de sair.

A manifestação do coração era necessária para o discernimento, porque situava o monge na verdade, eliminava a duplicidade e a hipocrisia e era o melhor método para o conhecimento de si.

Essa manifestação, muitas vezes, acontecia por meio de uma pergunta: o discípulo perguntava pela experiência do ancião, porque nela reconhecia uma virtude comprovada. O mundo monástico é rico nessa sabedoria, que flui dos pais do deserto para o ambiente cenobítico.

São Bento escreve: *“quebra em Cristo os pensamentos ruins que se apresentam ao coração e manifesta-os ao pai espiritual”*⁶⁷. Dentro desse versículo está a imagem, um pouco

⁶⁷ Cf. Regra de São Bento IV,50.



crua, mas muito plástica, do Salmo 137. A dinâmica interessante que aparece em São Bento é a da meditação: nesse sentido, o pai espiritual torna-se o sacramento de Cristo, com tudo o que isso implica na consciência do ancião!

A passagem da forma eremítica para a cenobítica marca um momento crucial na vida da espiritualidade cristã. Nessa passagem o nascimento das grandes regras monásticas torna-se significativo. Influenciadas pelo grande fenômeno eremítico, tanto no Ocidente quanto no Oriente, elas se tornam um ‘código’ para a transmissão de uma herança. Elas têm valor como norma, mas não, imediatamente, no sentido moral, como nós, os modernos, entendemos.

A regra, de alguma forma, definia a *conversatio monástica*. Era a via segura pela qual o noviço aprendia a tornar-se *espiritual*. A tarefa do mestre tornou-se, assim, aquela de ensinar a regra, porque nela estava condensada a sabedoria dos pais. É aqui que a figura do mestre, do ancião, é codificada com tarefas bem específicas.

A Regra de São Bento, que Santa Clara professou durante a maior parte de sua vida, sobre o mérito do tema, assim se expressa: “*eles, os noviços, são confiados a um monge maduro, capaz de ganhar as almas, para que vigile atentamente sobre eles*”⁶⁸.

Já Cassiano confia a responsabilidade dos noviços a um *ancião*. Cesário fala de “*mestra de noviças*”⁶⁹. Em São Bento, o mestre assume uma tarefa que, anteriormente, pertencia ao

⁶⁸ *Et senior eis talis deputetur qui aptus sit ad lucrandas animas, qui super eos omnino curiosus intendat.*

⁶⁹ Em alguns códigos encontramos o interessante termo ‘*Formaria*’.



abade. Ele “*não deve apenas apontar as dificuldades da vida monástica, mas também fazer intuir o seu significado e valor, ou seja, ganhar as almas para Cristo*”⁷⁰. Assim vemos que o fim da formação do noviço é Cristo, horizonte último do trabalho do mestre, no pensamento de São Bento.

Eu acho que se deva fazer um parêntese, interessante, em relação ao termo *schola*.

A origem de escola é latina. Sua etimologia, na verdade, pode ser reconduzida ao termo **scola** ou **schola**, que, por sua vez, deriva do grego **σχολά**, *scholè*, que, de forma surpreendente, significa ociosidade, descanso.

A **scholè** era precisamente o tempo no qual se descansava das labutas da vida cotidiana, para dedicar-se ao estudo, ao raciocínio.

44



Para compreender melhor essa etimologia é útil retomar a contraposição, toda latina, entre o **otium**, momentos que somente poucos privilegiados podiam se permitir e dedicá-los a si mesmos e, portanto, à reflexão ou ao estudo, e o **negotium**, o ocupar-se dos negócios familiares, sociais ou econômicos.

Somente mais tarde, o termo expandiu-se para indicar o local onde professores e alunos se encontram; embora que, na acepção moderna do termo, a escola como instituição tenha nascido com Carlos Magno, em particular com a escola palatina de Aachen, uma das primeiras escolas públicas do mundo.

Na Regra do Mestre o termo se repete dez vezes, na Regra de São Bento, apenas uma vez, no Prólogo⁷¹. Em ambas, o vocábulo é sinônimo de mosteiro. Se, portanto, o mosteiro é a

⁷⁰ Holzherr, *La regola di Benedetto*, p. 509.

⁷¹ Cf. *Regra de São Bento*, Pról, 45.

escola do Senhor, então seus membros fazem parte do círculo dos discípulos do Senhor, que ouvem sua Palavra, seguem seus passos, tornam-se familiares de Deus.

O termo *schola* é aplicado à vida monástica já por Cassiano; para Cesário e Agostinho, toda a igreja é *celesti medici schola*⁷². Embora, na regra de São Bento, o termo apareça apenas uma vez, depois dele a imagem do mosteiro como sede de uma escola espiritual continua a ser muito frequente.

*Apesar da clássica contraposição entre o claustro e a escola (secular), esta última designação continua sendo usada para indicar o ambiente monástico, numa de suas características essenciais, como se verifica pela obra de São Bernardo, na qual o mosteiro é concebido como uma 'schola humilitatis', uma 'schola Christi', uma 'spiritualium medicorum schola'*⁷³.

O único mestre dessa *schola* é Cristo, que dispensa seu ensino da cátedra da Cruz. Esse é o verdadeiro e único livro que o monge deve conhecer. Essa é a verdadeira tarefa do monge que vive naquela escola, que o acompanhará ao longo de sua jornada terrena.

É interessante como o mesmo termo não será, jamais, usado ao longo do *corpus* dos escritos Clarianos e Franciscanos, mesmo que, de certa forma, a tarefa de seus discípulos seja precisamente o de conhecer aquele livro que é o Cristo crucificado.

Fechamos aqui essa seção dedicada a um olhar histórico. Há duas considerações que podem ser deduzidas.

A primeira: a Igreja, ao longo dos séculos, começando pelos apóstolos e, depois, até o tempo dos nossos santos, e ainda

⁷² Cesário de Arles, *Sermo* 5.

⁷³ G. Penco, *Spiritualità monastica. Aspetti e momenti*, p. 274.277.



além, sempre teve ao coração o que chamamos *tema da formação*. Não podemos pensar, e cometeríamos um grave erro se o fizéssemos, que essa atenção pertença apenas a nós, habitantes do segundo milênio. Talvez o léxico utilizado diferia do nosso, que foi enriquecido especialmente na era moderna e pós-conciliar. Os conteúdos dessa formação sempre tiveram como fonte a necessidade de testemunhar a Cristo e, como o horizonte último, aquele da plena conformação com Ele. Dessa fonte e horizonte último nenhuma experiência cristã, monástica ou outra, jamais se distanciou, mesmo que assumindo diferentes formas ao longo dos séculos.

A segunda consideração diz respeito à questão da historicidade. Em todas as épocas, a Igreja e as realidades religiosas tiveram que lidar com as mais diferentes situações históricas e, obedecendo ao critério da Encarnação, viram-se pensando e, portanto, vivendo a formação de várias maneiras. Em todas essas modalidades, sempre permaneceu inalterado um fio vermelho: a transmissão da tradição que, ao longo dos séculos, foi enriquecida com experiências, mas que sempre manteve bem firme alguns pilares essenciais da fé cristã.

Gostaria de concluir nossa reflexão com uma citação de G. Penco, que julgo bastante apropriada para o nosso tema.

Falar de formação e, portanto, falar de mestres, significa, também, para a Igreja, para nós, falar da estabilidade de um carisma no tempo, de sua capacidade de futuro; significa falar de algo que, apesar de ser plenamente humano, é capaz de desafiar o tempo, porque tem suas raízes no Eterno!

Penco escreve que a



*alma desse edifício (o monaquismo) destinado a superar com sucesso a prova dos séculos é a importância muito especial atribuída à vida litúrgica: ela, codificada com um raro senso de equilíbrio e harmonia, tem a função de tornar possível e familiar ao monge, o contato contínuo com os grandes mistérios da salvação*⁷⁴.

O que permite ao nosso carisma superar a prova dos séculos? A que coisa são chamadas as mestras, em nossos mosteiros, para que o legado de Santa Clara e São Francisco possa ser transmitido àquelas que virão depois de nós?

É a essas perguntas que tentaremos responder, olhando mais de perto o que Santa Clara nos deixou em seus escritos.

6. A figura da mestra e sua tarefa no *corpus* das fontes clarianas

47


O parêntesis histórico pareceu-nos particularmente apropriado para nosso tema. Caso contrário, não poderíamos entender o porquê de Santa Clara, em sua Regra, falar de uma mestra de noviças e o que ela quer dizer, quando especifica as tarefas que lhe são atribuídas.

Santa Clara colhe o termo mestra nas regras papais. Honório III havia imposto à Ordem dos Menores a obrigação do ano de noviciado, com a bula *Cum secundum consilium*. Podemos, razoavelmente, acreditar que no momento em que Santa Clara elaborou sua Regra, ela tenha feito uma operação de síntese muito sábia entre o que a Regra de São Bento pedia

⁷⁴ G. Penco, *Spiritualità monastica. Aspetti e contenuti*, p. 20.

expressamente e aquilo que na Ordem dos Menores estava crescendo, como uma exigência.

Seria necessário aprofundar a observação de Martinho Conti⁷⁵, para o qual a obrigação do noviciado foi imposta, visando evitar passagens contínuas de uma Ordem para outra, considerando o fato de que muitas outras bulas papais, dirigidas aos mosteiros beneditinos daquele tempo, expressem a mesma normativa sobre o ano do noviciado⁷⁶. É verdade que o ano do noviciado, na época de nossos santos, não era norma geral, emanada para toda a Igreja, o que acontecerá apenas com o Concílio de Trento, mas fazia parte das prescrições do direito privado de cada Ordem ou família religiosa.

Em 1244, Inocêncio IV fixou, de forma pontual, o ano de noviciado para a Ordem. Podemos pensar que Santa Clara tenha se adaptado a essa prescrição.

Como aparece claramente da sinopse cromática, como já mencionado, a figura do mestre é estranha à Regra franciscana. Santa Clara, por sua vez, a usa em nome da Regra de Hugolino e, depois, daquela de Inocêncio. O conteúdo de sua identidade, contudo, muda radicalmente e, em nossa opinião, está mais próxima *do ancião* da Regra beneditina e da tradição monástica.

Traremos alguns dados que podem servir, a fim de nos fazer entender melhor do que estamos falando.

Se procurarmos o termo mestre nos escritos de São Francisco, percebemos que o termo não é usado, a não ser em algumas citações. A primeira, na Regra não bulada: “*não vos*

⁷⁵ Martino Conti, *Il codice di comunione dei Frati Minori*, p.174ss.

⁷⁶ Augustin Calmet, *Commentario letterale, istorico, e morale sopra la Regola di S. Benedetto*, Volume 2, p. 232, nota d.



*chameis de mestres; pois um só é o vosso Mestre*⁷⁷, citando expressamente Mateus⁷⁸; e a segunda, na *Antífona à Santa Virgem Maria*, sempre referido a *“Cristo, nosso Senhor e Mestre”*⁷⁹.

É evidente que o seráfico pai, *totus evangelicus*, nunca quis ser chamado mestre, muito menos usar esse termo para indicar um papel constituído dentro de sua própria Fraternidade. Será nos séculos seguintes que a imposição do nome *“Mestre de noviços”* começará a fazer parte da história da Ordem.

É igualmente evidente que, se lermos as biografias de São Francisco, essa atenção léxica, respeitosa do Evangelho, se perde. Os biógrafos gostam de **chamar** o pai seráfico de Mestre, reconhecendo nele um mestre a ser ouvido, um exemplo que se torna magistério.

*Exerce seu ofício como mestre, sem pretensões e superioridade, mas como irmão ao qual Deus deu o dom de outros irmãos, dos quais ele devia cuidar. Com o exemplo ele mostra o caminho, com a palavra o explica, convence e estimula a fazer o mesmo*⁸⁰.

O tema do ensinamento pelo exemplo percorre toda a dimensão da espiritualidade franciscana. Poderia parecer uma simplificação, mas, na realidade, esconde um aspecto essencial de nossa maneira particular de olhar para o mistério de Cristo: o da Encarnação. A humanidade de Cristo é, para nossos santos, uma escola de discipulado. O tornar-se cada vez mais próximo da

⁷⁷ Cf. *Regra não bulada de São Francisco* 22,35: FF 61.

⁷⁸ Cf. *Mt* 23,8-10.

⁷⁹ Cf. São Francisco de Assis, *Antífona à Santa Virgem Maria*, FF 281.

⁸⁰ Cf. G. Boccali, *Exemplo, testemunho, escândalo*, in *Dicionário Franciscano*, p. 245-252.



vida e experiência concreta de Cristo é, para eles, o maior ensinamento possível, a ser aprendido e transmitido⁸¹.

Na tabela, a seguir, trazemos as citações do termo mestra, do verbo *doceo* e do substantivo relacionado, doutrina, assim como os verbos ensinar e instruir, utilizados no processo de canonização⁸².

	<i>Escritos de Santa Clara</i>	<i>Legenda de Santa Clara</i>	<i>Processo de Canonização de Santa Clara</i>
<p>50</p>  <p>Mestra (Magistra)</p>	<p>Regra de Santa Clara II, 21-22: FF 2763) <i>Tanto para elas como para as outras noviças, a abadessa providencie com solicitude uma mestra, entre as mais discretas de todo o mosteiro, que as forme diligentemente, por um comportamento santo e bons costumes, de acordo com a forma de nossa profissão.</i></p>	<p>16,2: (FF 3190) <i>Dona Clara pegou uma vasilha e, mestra de humildade, lavou-a com as próprias mãos.</i></p> <p>36,1: (FF 3227) <i>Verdadeira mestra dos rudes e formadora de jovens no palácio do grande Rei, ensinava-as com tal pedagogia e as formava com tão dedicado amor que não há palavras para dizê-lo.</i></p> <p>36,9: FF 3229 <i>A própria mestra, de poucas palavras, resumia em</i></p>	<p>XIII,3: FF 3096 <i>E porque foi assim, tão santa e tão ornada de virtudes, Deus quis que ela fosse a primeira mãe e mestra da Ordem.</i></p> <p>XX,7: FF 3146 <i>E depois que foi para São Damião, onde se tornou mãe e mestra da Ordem de São Damião, lá gerou muitos filhos e filhas no Senhor nosso Jesus Cristo, como hoje se vê.</i></p>

⁸¹ Veja-se R. Zavalloni, *Pedagogia Franciscana, Desenvolvimento e Perspectivas*.

⁸² As referências das citações serão mantidas no corpo da tabela, para melhor compreensão.

		<p><i>alocações breves a abundância de sua mente.</i></p> <p>38: FF 3234 <i>Acolhiam o carinho afetuoso da mãe, respeitavam na mestra o cargo de governo, acompanhavam o procedimento correto da formadora e admiravam na esposa de Deus a prerrogativa de uma santidade tão completa.</i></p>	
Ensinamento		<p>30,3: FF 3214 <i>Ensinava as noviças a chorar o Crucificado, dando junto o exemplo do que dizia.</i></p> <p>36,2-3: FF 3227 A formação diária das Irmãs (todo o capítulo) <i>Primeiro, ensinava-as a afastar de dentro da alma toda convulsão, para poderem firmar-se só na intimidade de Deus. Depois, ensinava-as a não se deixar levar pelo amor dos parentes segundo a carne e a esquecer a casa</i></p>	



Doutrina

		<i>paterna para agradar a Cristo.</i>	
	<p>Reg VI, I: FF 2787 <i>... que eu fizesse penitência conforme o exemplo e o ensinamento (doctrina) de nosso pai São Francisco, pouco depois da conversão dele, eu lhe prometi obediência voluntariamente, junto com minhas irmãs.</i></p> <p>Test 24: FF 2831 <i>... se dignou iluminar meu coração para fazer penitência, segundo o exemplo e ensino de nosso bem- -aventurado Pai Francisco...</i></p> <p>Test 25b-26: FF 2831 <i>... eu lhe prometi obediência voluntariamente, como o Senhor nos concedera pela luz da sua graça através da vida admirável e do ensinamento dele.</i></p> <p>Test 36: FF 2837 <i>Também o nosso bem-aventurado Pai Francisco, imitando os seus passos, pelo</i></p>		

	<i>exemplo e pelo ensinamento, nunca se desviou, em toda a vida, de sua santa pobreza, que escolheu para si e seus irmãos.</i>		
Ensinar			<p>XI,2: FF 3081 <i>A primeira coisa que a senhora lhe ensinou foi a amar a Deus sobre todas as outras coisas; a segunda, que devia confessar integralmente e com frequência os seus pecados; a terceira, que devia recordar sempre a paixão do Senhor.</i></p> <p>XVIII, 5: FF 3127 <i>Essa testemunha também disse que, depois que dona Clara foi morar em São Damião, como era santa, assim ensinou suas filhas a servirem a Deus em santidade, como hoje elas o demonstram.</i></p>
Instruir			<p>VI,4: FF 3027 <i>Nunca estava perturbada. Instruía as Irmãs com muita mansidão e benevolência, mas,</i></p>



			<p><i>quando era necessário, não deixava de repreendê-las.</i></p> <p>VIII, 3: FF 3057 <i>Esforçava-se quanto podia para agradar a Deus e formar suas Irmãs no amor de Deus, e tinha muita compaixão pelas Irmãs na alma e no corpo.</i></p> <p>XI,2: FF 3081 <i>Veja acima, ensinar.</i></p> <p>XVII,8: FF 3130 <i>... porque tudo que a madre Santa Clara dizia servia de ensinamento para os outros.</i></p>
--	--	--	---

Apesar de sua escassez, as citações acima nos ajudam na aproximação de nosso tema. É dado relevante que, com exceção da mestra das noviças, o termo, ao longo de todo *corpus* dos escritos, sempre se refira a Santa Clara, tanto em Celano, na Legenda de Santa Clara, como no Processo de Canonização.

Irmã Cristiana de Messer Bernardo de Suppo de Assis, a décima terceira testemunha no Processo de canonização, que entrou em São Damião em 1219, e João de Ventura de Assis, vigésima testemunha e servo na casa de Santa Clara, nos dizem algo interessante. Para eles, Santa Clara era mãe e mestra da

Ordem. Santa Clara recebeu de Deus o dom de criar uma nova Ordem e, pelo qual, por meio de São Francisco, foi nomeada para formar as irmãs.

Esse dado pertence a uma dinâmica eclesial bastante comum: o fundador é sempre, de alguma forma, o formador. Já dissemos isso em relação ao São Bento, mas também podemos dizer isso, hoje, de qualquer fundador. Evidentemente, no início de um carisma, apenas quem é portador desse dom pode, de alguma forma, transmiti-lo. Santa Clara não escapa dessa dinâmica, embora, como sabemos pelas fontes, ela nunca quis receber o título de abadessa.

Tão verdadeira era essa realidade que, nas décadas em que Santa Clara viveu em São Damião, não se encontra nos escritos ou nos depoimentos do processo de canonização, de que houvesse uma irmã nomeada para a tarefa de mestra. A Regra o diz, mas não parece, jamais, uma pista em nenhum de todos os textos. Poderia ser uma ausência desnecessária para a história da vida da santa, mas, na verdade, Celano nos transmite, ainda que brevemente, a notícia de que Santa Clara ensinava às noviças; ela as seguia pessoalmente em seus caminhos de crescimento. Até quando? Mesmo quando ela estava doente? Qual tenha sido a realidade histórica, provavelmente, para nós, é difícil dizê-lo: Santa Clara tinha ou não designado uma irmã para esse serviço?

Ajuda-nos, no entanto, saber que ela o tenha sido e de que modo, dado que os textos o indicam.

Antes de dar uma olhada nos testemunhos, eu gostaria de olhar um pouco para a sobreposição fundador-formador. Acredito que a razão dessa sobreposição não deve ser buscada apenas no fato temporal, no início é normal que seja assim, mas



sim na essencialidade do conteúdo formativo. O que uma mestra transmite? O carisma que, por sua vez, recebeu; no caso, Santa Clara o recebeu de Deus, através de São Francisco; no nosso caso, o recebemos da história e da tradição que nos precedeu. Essa tarefa é essencial e, ao mesmo tempo, é completamente gratuita. O fundador não é o carisma, a mestra não é o carisma. Eles estão a serviço de um dom maior, que é aquele que vem de Deus e que serve a história dos homens. Não se pode ser mestra se não se tiver consciência desse conteúdo. Como ele se desdobra no serviço formativo, tentaremos descrevê-lo mais tarde, com os dados que as fontes nos oferecem.

Essa dinâmica permanece mais evidente na história do pai seráfico. São Francisco e Santa Clara não permitiram que o dom de Deus morresse com eles; eles agiram de tal forma que ele sobrevivesse à árdua passagem que deve ocorrer entre pai e filho, mãe e filha. Na passagem de quem entrega uma herança e a deixa à liberdade do filho para que ele cresça e se expresse no tempo, assim como o Espírito o suscitar.

Nesse sentido, uma mestra, que sabe que está transmitindo um carisma, em algum momento deve sair. Ela deve ser capaz de retornar às sombras, e deixar que a outra pessoa cresça: o ícone bíblico do Batista deve permanecer sempre um ponto de referência essencial para cada *formador*: *é necessário que Ele cresça e eu diminua!*

O documento *Mutae relationis*, falando dos fundadores, expressa-se assim:

O próprio carisma dos fundadores revela-se como uma experiência do Espírito, transmitida aos próprios discípulos a fim de ser por eles vivida, conservada e aprofundada e



*constantemente desenvolvida em sintonia com o Corpo de Cristo em perene crescimento*⁸³.

Esses 5 verbos marcam um crescendo do dom de um carisma para a Igreja: o fundador, que é sempre formador, tem a responsabilidade de transmiti-lo; seus seguidores devem vivê-lo, protegê-lo, aprofundá-lo, desenvolvê-lo. Acredito que uma formadora deva sempre confrontar-se com esses verbos em seu serviço. Eles traçam o mapa de limites de seu trabalho.

Parece-me apropriado antecipar aqui a análise da função da mestra, mesmo que o texto da Regra será considerado por último.

Ao explicitar a tarefa que a mestra assume em relação daquelas que entram no mosteiro, Santa Clara usa um verbo caro à tradição: *formare*, que, na sua linguagem, inevitavelmente, lembra o termo *forma*, com a qual designa a própria regra.

Formar é, frequentemente, usado como sinônimo de educar; mas, na realidade, os dois verbos transmitem dois significados diferentes. Educar, de *educere*, significa trazer para fora; poderíamos dizer, desenvolver aquilo que naturalmente está dentro do homem. Formar, por outro lado, significa, mais especificamente, modelagem; lembra a imagem de um artista que trabalha seu material de acordo com um modelo.



⁸³ Cf. MR 11.

No NT, o termo é usado por Paulo⁸⁴; também são utilizadas as formas compostas de *reformatio*⁸⁵, *transformatio*⁸⁶. Sem dúvida, o termo lembra *o da imagem*, também cara a São Paulo⁸⁷.

O cristão é modelado numa forma, aquela de Cristo, e, por sua vez, torna-se modelo divino para os outros⁸⁸.

Nesse sentido, a formação é uma arte que tem um método, uma obra artesanal, como diria o Papa Francisco.

Santa Clara é devedora à tradição que a precedeu. Imbuída da escuta litúrgica dos Padres, ela foi marcada pela ideia da imagem de Cristo no espelho, na qual redescobriu nossa imagem para o caminho da transformação.

O Filho de Deus, que era *in forma Dei*, não temeu em renunciar ao seu privilégio, ele se humilhou⁸⁹, fazendo-se um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado⁹⁰. Aceitou perder *sua forma*, sua beleza. Ele foi desfigurado, a ponto de não ser mais reconhecido⁹¹. Ele experimentou a morte. Mas, o Pai o ressuscitou, sentou-o à sua direita e o constituiu *Kyrios*⁹².



⁸⁴ Cf. *Gl* 4,19: “*Meus filhinhos, aos quais dou novamente à luz, até que adquirais a figura de Cristo*”.

⁸⁵ Cf. *Rm* 12,2: “*Não vos ajusteis a este mundo, e sim transformai-vos com uma mentalidade nova, para discernir a vontade de Deus, o que é bom, aceitável e perfeito*”.

⁸⁶ Cf. *2Cor* 3,18: “*E nós todos, refletindo com o rosto descoberto a glória do Senhor, vamos os transformando em sua imagem com brilho crescente, como sob a ação do Espírito do Senhor*”; *Fil* 3,21: “*Que transformará nosso corpo humilde na forma do seu corpo glorioso, com a eficácia com que ele pode submeter a si todas as coisas*”.

⁸⁷ Cf. *Ef* 4,23-24; *Col* 3,10; *Fil* 2,6-7.

⁸⁸ Cf. *1Tess*1,7; *2Tess* 3,9; *1Pd* 5,3.

⁸⁹ Cf. *Fil* 2,6-7.

⁹⁰ Cf. *Hb* 4,15.

⁹¹ Cf. *Is* 53,2.

⁹² Cf. *Fil* 2,9.

Assim, foi nos mostrado e traçado o caminho de retorno à **Imagem**. Tendo sido *deformados* pelo pecado, devemos *reformatar-nos*, para sermos, gradualmente, *transformados* à imagem do Cristo ressuscitado.

Essa transformação última, por meio de um longo processo de reforma ou conversão, é o objeto da formação monástica. Essa formação deve ser entendida, em primeiro lugar, não no sentido de uma atividade realizada por um formador humano sobre outra pessoa, mas no sentido da transformação gradual e constante, nunca concluída, de uma pessoa que, utilizando os meios oferecidos pela *conversatio* monástica, permite ao Espírito Santo restabelecer nela a imagem desfigurada e a semelhança perdida.

O tema da Imagem de Deus é central para a espiritualidade do monaquismo primitivo. Essa doutrina, que evidentemente tem sua origem no Gênesis⁹³, é muito querida por todos os Padres da Igreja, que se dedicaram a examinar o mistério da salvação. Uma vez que cada um deles a tratou de forma diferente, com a liberdade própria dos poetas e místicos, tornou-se muito complexo e tem sido apresentada com muitas nuances diferentes.

Pode-se resumi-la assim: o homem foi criado à imagem (*imago*) e semelhança (*similitudo*) de Deus. Como criatura privilegiada, ele é chamado a participar da vida divina. Essas disposições foram subvertidas pelo pecado, mas o homem mantém sua capacidade de dirigir-se a Deus (*capacitas Dei*). Com a graça da Redenção e a imitação de Jesus Cristo, o homem é



⁹³ Cf. *Gen* 1,26.

capaz de participar da vida divina. Se sua predisposição para Deus (*imago*) se desenvolve e se manifesta numa vida contínua de virtude, ele se encaminha em direção à semelhança (*similitudo*) e encontra a própria realização, tornando-se imagem de Deus⁹⁴.

Formar, pois, é tarefa da mestra. Essa tarefa carrega em si um vasto horizonte, um horizonte humano-espiritual, que tem sua fonte em Cristo e sua realização no próprio Cristo.

Esse verbo nos fala de uma tensão, enquanto indica um modelo no qual inspirar-nos; ele nos pede uma grande docilidade; a docilidade da matéria, que são as pessoas que nos são confiadas; mas, somos nós, acima de tudo, que devemos estar bem cientes de como o Espírito está falando; e, se não formos dóceis, isso nunca acontecerá.

60  É evidente que a formação, em Santa Clara, tende a uma *transformação: transformadas por meio da contemplação da imagem d'Ele*.

Não é esse o contexto para aprofundar esse tema, mas é interessante enfatizar como o tema da imagem está, em Santa Clara, conectada ao do espelho. O Cristo a ser contemplado na pobreza do presépio, na humildade da vida, na caridade da paixão. Nesse espelho somos chamados a *colocar* a mente, a alma; o modo de pensar, o modo de sentir, o modo de decidir e de amar.

Se nessa linguagem reconhecemos um contexto histórico bem preciso e uma linguagem igualmente atribuível ao contexto monástico da reforma cisterciense, não podemos falar, em Santa Clara, do verbo '*formar*', senão, tendo como contexto aquele do

⁹⁴ Armand Veilleux OCSO, *La formazione monastica*. (veja-se <http://www.scourmont.be>).

qual ela se alimentou, a escola da Liturgia, e aquilo que viu em seu São Francisco, que se tornou *alter Christus*.

Não podemos jamais perscrutar até às profundezas aquele olhar de Santa Clara, que, pousando-se sobre o Crucificado⁹⁵, contempla sua própria imagem, e que, olhando para São Francisco, intui a concretude dessa transformação, que, do coração, se torna visível na carne. Realmente, esse é o espaço no qual nos movemos! Ajudar as irmãs a descobrir a grandeza dessa realização, e modelar nelas a forma da nossa profissão.

Essa obra é muito delicada; requer um enorme desprendimento! Nós não nos apresentamos como modelos, aos quais as formandas devem assemelhar-se. Nós olhamos para o Cristo, para o mistério de sua imagem, e, por isso, podemos plasmar, sob sua imagem, aquelas confiadas a nós. Sua imagem nos fala, acima de tudo, de liberdade e amor; uma expressa em nossa maneira particular de viver na pobreza e a outra, na santa unidade!

7. Santa Clara, mestra

Antes de considerar o Processo de Canonização e a Legenda, gostaria de abrir um breve parêntese sobre a palavra *doctrina*, ensinamento.

Santa Clara está determinada, tanto na Regra quanto no Testamento, a fazer-nos tomar parte da sua experiência dos primórdios, quando ama lembrar o exemplo e o ensinamento de São Francisco. Ela nos diz que ela mesma foi discípula. Ela se

⁹⁵ Não podemos não mencionar o nascimento da arte gótica, com sua representação do crucifixo *patiens*, que marca, de modo plástico, a espiritualidade da época.

nutria da *doctrina* de São Francisco, e quis transmiti-la às suas filhas. *Doctrina* pela qual lutou uma vida inteira. Santa Clara é aquela que, talvez, tenha encarnado a *Doctrina*, como nenhuma outra, ao longo da história.

Será interessante descobrir como ela, tendo-se tornada *mestra*, vai traduzir essa doutrina para suas irmãs e, portanto, para nós. Aqui encontramos aquela dinâmica bíblica com a qual nossos santos se nutriram. Não se poderá ser mestre, se primeiro não se for discípulo e, acima de tudo, na vida se continue sendo discípulos. Parece-me que Santa Clara tinha essa consciência. Seu caminho era referência contínua à pessoa de Cristo e ao seu servo São Francisco, de quem ela nunca deixara de se definir “humilde plantinha”.

62

Então, vamos tentar analisar os textos.

Primeiramente daremos uma olhada naquilo que as irmãs nos dizem no Processo de Canonização. O testemunho delas é valioso, porque fala de uma experiência direta. Depois, consideraremos Celano que, apesar de seguir os cânones hagiográficos bem definidos, por sua vez nos transmite elementos interessantes.

Irmã Benvinda de Dona Diambra de Assis entrou em São Damião no ano de 1224. Ela nos dá uma visão mais detalhada do trabalho formativo de Santa Clara. Boccali assim o comenta:

Clara forma as irmãs diretamente sobre três argumentos: sobre o amor a Deus, sobre o uso do sacramento da confissão para uma consciência pura, e sobre a meditação e o amor pela Paixão do Senhor. Essas são relações com Deus, consigo mesma diante de Deus, com a humanidade do Senhor Jesus⁹⁶.

⁹⁶ G. Boccali, *Santa Chiara sotto processo*, p. 262, nota 26.

O trabalho formativo de Santa Clara é percebido pela irmã Benvinda como um ensinamento.

O termo *ensinar* deriva do latim *insignare*, composto pelo prefixo *in*, combinado com o verbo *signare*, com o significado de marcar, imprimir, que, por sua vez, reconduz ao substantivo *signum*, que significa marca, selo.

A atividade de quem ensina, portanto, longe de se limitar à transmissão do conhecimento, como fim em si mesmo, consiste em *marcar* a mente do aluno, deixando impresso um método de abordagem da realidade que, definitivamente, vai muito além de um mero conhecimento intelectual.

Santa Clara deixa sua marca em suas irmãs. Isso é evidente em todos os testemunhos no julgamento. O sinal que ela deixa é aquele do amor de Deus. O seu é um testemunho por irradiação; Papa Bento XVI diria que se desenvolve por atração⁹⁷.

Seria interessante relevar como a obra formativa de Santa Clara se dirige, decididamente, para três faculdades bem definidas: o amor, a consciência, a memória. Talvez devêssemos recordar a tripartição de Agostinho: o intelecto, a memória, a vontade⁹⁸ e tentar discernir os significados e influências que, provavelmente, chegam à Santa Clara através de Erledo de Riveaulx, intelecto, memória, amor e da reforma cisterciense.

Tenhamos presente que ao coração de nossa santa está precisamente a formação da alma em toda a sua inteireza e em sua relação essencial com Deus. Hoje, falaríamos de formação integral.

⁹⁷ Cf. *Deus Caritas est*.

⁹⁸ Cf. Agostino, *La Trinità*, Città Nuova, Roma, 1973, pag. 419-421.



Para representar a Trindade, Agostinho recorre à analogia com a alma do homem. Essa última é composta, mesmo em sua unidade, de três faculdades distintas: a memória, que permite que a alma sempre se reconheça da mesma forma ao longo do tempo e estabeleça sua própria identidade; a inteligência, que permite que a alma tenha notícias de si mesma; e a vontade, que produz na alma o amor de si mesma. A mesma coisa acontece em Deus: a tríplice faculdade da alma corresponde à Trindade das pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo. O homem é uno e, ao mesmo tempo, trino, enquanto existe (*esse*: Pai); conhece (*nosse*: Filho), ama (*velle*: Espírito Santo).

O amor de Deus, acima de tudo, é o primeiro conteúdo formativo de Santa Clara. Quem o reporta é irmã Lúcia⁹⁹. O que significa isso? Se devêssemos acolher o que a Sagrada Escritura nos diz, teríamos que fazer referência ao mandamento do amor, dado primeiro a Israel e, depois, retomado por Jesus em sua pregação.

Deus deve ser amado com tudo de si mesmo, coração, inteligência e vontade; mas, o 'acima de todas as coisas' pode nos fazer pensar nas palavras do Evangelho de Lucas:

*Se alguém vem até mim e não odeia seu pai, sua mãe, sua esposa, seus filhos, seus irmãos, suas irmãs e até mesmo sua própria vida, ele não pode ser meu discípulo. Quem não carrega sua cruz e vem atrás de mim não pode ser meu discípulo*¹⁰⁰.

⁹⁹ Cf. *Processo de canonização de Santa Clara*, Testemunha VIII,9: FF 3067.

¹⁰⁰ Cf. *Lc 14,26-27*.



Sabemos que esse versículo tem uma citação direta na Regra não bulada¹⁰¹ e uma indireta na admoestação XIV: bem-aventurados os pobres em espírito¹⁰².

O amor das irmãs tem uma direção muito precisa: Deus. Nesse sentido, também encontramos o que Celano, embora com palavras diferentes, nos diz sobre o ensinamento de Santa Clara às noviças: *“Ensina-as a não se deixar levar pelo amor de parentes carnis e a esquecer a casa de seu pai para agradar a Deus”*¹⁰³.

Essa é uma palavra forte, uma palavra que não podemos superar muito facilmente, porque diz respeito ao amor, e diz respeito à pobreza de espírito. É como se fosse o leito, dentro do qual se move a compreensão de Santa Clara, em seu caminhar nos rastros de São Francisco.

A palavra de deixar tudo, para o Evangelho, continua sendo o primeiro sinal a ser impresso no trabalho de formação. É um sinal interno, como um selo, pelo qual se reconhecerá a vida de uma irmã pobre.

O amor é a primeira faculdade que reside no horizonte formativo de Santa Clara; aquela faculdade da alma humana, tão profunda e tão frágil ao mesmo tempo, deve ser decididamente dirigida a Deus. Ela está ligada à vontade e ao desejo. Trata-se de uma educação do desejo e da vontade, sem os quais o amor, provavelmente, permanece uma bela palavra ou, na melhor das hipóteses, um movimento afetivo indeterminado.

¹⁰¹ Cf. *Regra não bulada de São Francisco* 1,5: FF 4.

¹⁰² *Admoestação XIV*: FF 163: “... quem é verdadeiramente pobre de espírito odeia a si mesmo e ama a quem lhe bate na face”.

¹⁰³ Cf. *Legenda de Santa Clara* 36,2-3: FF 3227.



Toda tradição nos fala do desejo do monge para procurar Deus, um desejo ilimitado. Aquele do *quaerere Deum*¹⁰⁴ é, talvez, a expressão mais significativa com a qual o conteúdo do desejo do monge é traduzido.

O tema é obviamente bíblico, e da Escritura passa à tradição, quase que naturalmente, encontrando, talvez, nas várias épocas históricas, mudanças semânticas, que, basicamente sempre têm o mesmo conteúdo.

São Bento considera a busca de Deus como a condição necessária para verificar as boas disposições daqueles que batem à porta do mosteiro. É simplesmente a premissa daquela *conversatio* que o noviço se prepara para prometer, junto com a obediência e a estabilidade.

66  A verdadeira busca por Deus está indissoluvelmente ligada ao dom da *discretio*, por parte do ancião, a quem os aspirantes são confiados. É quase a prova a ser realizada. Se ela não existe, o resto não tem sentido, e não tem chance de subsistência.

Esse tema, ao longo dos séculos, será enriquecido com importantes nuances terminológicas, como, anelar, suspirar, desejar, tanto que assumirá conotações cada vez mais místicas; na Idade Média, isso será particularmente significativo no mundo monástico feminino.

Santa Clara, podemos dizer, é filha dessa veia, com aquela contribuição inteiramente franciscana de *ter o Espírito do Senhor e sua santa operação*¹⁰⁵. Para São Francisco esse é um ponto sem retorno em sua maneira de olhar o mistério de Deus e sua ação

¹⁰⁴ Para o tema, veja-se G. Penco, *Spiritualità monastica*, p. 160ss.

¹⁰⁵ Regra de Santa Clara X,9: FF 2803.

na história. Santa Clara, com sua sensibilidade feminina e monástica, enriquece essa consciência da misteriosa ação do Espírito no coração, com o tema da imitação de Cristo¹⁰⁶.

A redescoberta da humanidade de Cristo, primeiro no mundo cisterciense, parece encontrar no coração de Santa Clara o *lugar* em que Deus poderia ser encontrado e amado, bem como desejado e procurado. Então, *affectus* se torna uma figura particularmente interessante para ler o movimento desse desejo¹⁰⁷. Um afeto que não pode prescindir da memória, como veremos mais tarde, e que não pode desconsiderar a vontade.

Essa busca, esse amor de Deus em todo o mundo antigo não se expressa num espiritualismo vazio, sem concretude; mas, numa disciplina bem definida, que pede à vontade de colocar todas as suas energias em ação, para alcançar seu próprio objetivo.

¹⁰⁶ A categoria de imitação é encontrada em São Francisco apenas na sexta admoestação, enquanto é tipicamente Clariana. Veja-se: *Testamento de Santa Clara* 36: FF 2837: “... o bem-aventurado pai Francisco, imitando os seus passos...”; *Testamento de Santa Clara* 56: FF 2842: “... sempre se empenhem em seguir o caminho da santa simplicidade, da humildade e da pobreza...”; 2ª *Carta de Santa Clara à Santa Inês de Praga* 4: FF 2872: “... feita imitadora atenta do Pai perfeito, mereça ser tão perfeita que seus olhos não vejam em você nada de imperfeição”; 2ª *Carta de Santa Clara à Santa Inês de Praga* 20: FF 2879; 3ª *Carta de Santa Clara à Santa Inês de Praga* 4: FF 2884: “o que falta em mim e nas outras Irmãs para seguir os passos de Jesus Cristo pobre e humilde”.

¹⁰⁷ 1ª *Carta de Santa Clara à Santa Inês de Praga* 13: FF 2863: “... ficai firme no santo serviço do pobre Crucificado, ao qual vos dedicastes com amor ardente”; 16: FF 2864: “Ó santa pobreza, aos que a têm e desejam Deus prometeu o reino dos céus...”; 32: FF 2869: “... para que aquele que servis com todo desejo do coração se digne dar-vos os desejados prêmios”; 2ª *Carta de Santa Clara à Santa Inês de Praga* 20: FF 2879: “... com o desejo de imitá-lo, mui nobre rainha, olhe, considere, contemple seu esposo...”; 3ª *Carta de Santa Clara à Santa Inês de Praga* 2: FF 2883: “...o melhor que se possa desejar...”; 4ª *Carta de Santa Clara à Santa Inês de Praga* 29: FF 2906: “... proclame, suspirando com tamanho desejo do coração e tanto amor...”.

Numa palavra, toda a disciplina monástica é, de alguma forma, a tradução desse exercício da vontade: a fuga do mundo, a pobreza, a solidão, o abandono da pátria que, sobretudo, na Idade Média tomará a forma de peregrinação¹⁰⁸, o desenraizamento do próprio ambiente familiar, precisamente o que Santa Clara pede, são como que a condição típica dessa busca. Sem todos esses elementos não se pode falar de um desejo de Deus, de imitação de Cristo.

Quando, pois, Santa Clara fala da faculdade do amor, ela não tem em mente um afeto vago, mas sim um profundo percurso do coração, da mente e, também, do corpo, que são o objeto de seu estilo educacional.

O segundo ensinamento de Santa Clara se concentra sobre a consciência da própria fragilidade: *ela ensinou-lhes que de forma íntegra e muitas vezes confessassem seus pecados*¹⁰⁹.

Aqui não é o lugar para considerar o tema sacramental da *penitência* e seu desenvolvimento na história, que, precisamente na época dos nossos santos, experimentou uma mudança interessante, e que, indubitavelmente, se reflete nas palavras de Santa Clara.

A atenção dos nossos santos ao magistério da Igreja é, verdadeiramente, um traço singular. A confissão sacramental assume um lugar importante na vida das irmãs. *‘Pelo menos doze vezes ao ano’*¹¹⁰. Para Santa Clara isso se torna um ensinamento a ser transmitido às suas irmãs.

¹⁰⁸ E como não pensar aqui ao nosso ser *peregrinos e estrangeiros* neste mundo?

¹⁰⁹ Cf. *Processo de Canonização de Santa Clara* XI,2: FF 3081.

¹¹⁰ *Regra de Santa Clara* III,12: FF 2769.



Pudemos ver, subjacente, a escassez dos dados, a consciência de que a mestra Santa Clara tem de nossa fragilidade: somos todas fracas! Em nossa jornada para a plenitude do amor, conhecemos o pecado, que é tudo aquilo que, de alguma forma, nos afasta dessa plenitude de amor para com Deus e para com nossas irmãs. Recorrer, com frequência, a essa *segunda mesa* de salvação, como os Pais a chamavam, torna-se um passo importante no trabalho formativo de Santa Clara.

Talvez para nós isso seja uma suposição. Há mais de mil anos, a penitência é vivida na Igreja de forma pessoal e auricular, não vemos mais a força da novidade que ela deve ter tido na época de Santa Clara.

Estamos atentos às fragilidades humanas das irmãs, seguimos seus caminhos, defendemos justamente suas consciências; mas, a consciência do pecado é uma maneira particular de autoconhecimento, que nossa santa lembra fortemente.

Podemos ousar pensar que a faculdade do intelecto seja expressa, em Santa Clara, como a possibilidade de se conhecer profundamente na distância de Deus e das irmãs.

Aqui devemos recordar o grande tema da *compunção*, aquela capacidade típica dos santos de estar cientes de suas próprias misérias diante de Deus.

Reza, antes de tudo, para que te seja dado o dom das lágrimas, para acalmar com a compunção a dureza de tua alma e obter o perdão do Senhor pela confissão de tua indignidade¹¹¹.

¹¹¹ Evagrio Pontico, *De oratione* 5.



Tudo isso está, obviamente, ligado ao tema da misericórdia, tão caro para São Francisco. Para sua plantinha parece dar-se, antes de tudo, de uma forma sacramental. A misericórdia é recebida pelas mãos da Igreja. Do sacramento passa para a vida, porque permeia a consciência.

O tema tão sondado pela 'formação da consciência', é, aqui, declinado sacramentalmente. Vem-nos à mente as palavras da Regra, lá, onde no capítulo IX, o tema do pecado, do perdão, da correção nos é legado como grande força. Tudo isso, no campo da formação, recebe seu valor, é transmitido com determinação. Parece que quase podemos dizer que Santa Clara queria traduzir os grandes temas da espiritualidade de São Francisco em termos pedagógicos!

70



O terceiro ensinamento de Santa Clara, por outro lado, tem a ver com a faculdade da memória, tão importante no mundo bíblico, no mundo antigo e no mundo cristão¹¹².

O tema da memória não é estranho aos nossos santos. Devemos ter presente que, essa faculdade está ligada à escuta, sobretudo, numa sociedade na qual o conhecimento é muito marcado pela oralidade e não pela escrita.

¹¹² Se anualmente a memória cristã se manifesta essencialmente na comemoração de Jesus, na Liturgia que o comemora do Advento ao Pentecostes, por meio dos momentos essenciais do Natal, da Quaresma, da Páscoa e da Ascensão, quotidianamente na celebração eucarística, num nível mais 'popular', essa, contudo, se cristaliza, sobretudo, nos santos e nos mortos. Os mártires eram as testemunhas. Os seus túmulos constituíam o centro das igrejas e do lugar onde eles estavam localizados, além dos nomes da '*confessio*' ou do '*martyrium*', aquele significativo da memória (cf. Leclercq, H. 1933 "*Memoria*", in *Dictionnaire d'archeologie chretienne et de liturgie*, vol. XI, tomo I, Letouzeà et Ane, Paris, coll. 296324. Leroi Gourhan.

Aprender de cor era a maneira mais usual de aumentar o conhecimento intelectual. No entanto, seria reduutivo permanecer nesse nível intelectual.

A faculdade de memória, em todo o mundo monástico, tem uma importância singular. Ela é a faculdade

*mediadora de uma dupla presença: subjetivamente medeia a presença de si a mesma (útero do qual nasce a autoconsciência); do ponto de vista objetivo, a memória é o lugar meditativo da presença de Deus e, portanto, de Cristo*¹¹³.

O modelo de tudo isso continua sendo a Virgem Maria, que conservava todas essas coisas em seu coração¹¹⁴.

Uma longa citação, sempre de Biffi, falando sobre Erleodo, diz que

*o pecado consiste na perda da memória ou na memória que se quebra, memória de Deus que vem a cair. A conversão, por outro lado, é a restauração da memória, o reatar, ou seja, nessa faculdade fundamental, Deus e Cristo*¹¹⁵.

A principal fonte dessa restauração da memória é a Liturgia e a Sagrada Escritura; no âmbito monástico isso permanece, particularmente, significativo. Santa Clara não escapa dessa dimensão, embora sua abordagem aos mistérios da vida de Cristo seja, em grande parte, mediada não apenas pela liturgia, mas, também, pela imagem do Crucificado.

O substantivo memória e o verbo recordar (lembrar) são dois termos caros à Santa Clara, que os usa de maneiras diferentes. A lembrança das promessas das irmãs¹¹⁶; a memória

¹¹³ I. Biffi, *La filosofia monastica: sapere Gesù*, p. 334.

¹¹⁴ Cf. *Lc 2,51*.

¹¹⁵ Cf. *ibid*, p. 334.

¹¹⁶ Cf. *Regra de Santa Clara X,2: FF 2807*, retomada no *Testamento de Santa Clara 67: FF 2849*; *2ª Carta de Santa Clara a Santa Inês de Praga 11: FF 2875*.



das irmãs, ligada ao afeto por elas¹¹⁷ e, em seguida, a memória como uma faculdade da alma, que deve ser preenchida pelo mistério da Paixão de Cristo, tanto que as irmãs não devem se lembrar das coisas seculares¹¹⁸.

Santa Clara pede às irmãs para que formem a memória, ou seja, sempre tenham em seus corações, segundo a definição clássica de Agostinho, recordar, isto é, trazer de volta ao coração o mistério de Jesus em sua paixão. Vem-nos, naturalmente, à mente das palavras para Inês, sobre a contemplação do espelho, e também, quase como uma citação paralela ao que a testemunha XIV nos diz sobre a água benta, que saiu do lado direito do Senhor. A memória que se transforma num símbolo, num sacramental, na capacidade de transformar a realidade, tornar-se sinal e, portanto, transparência do Mistério.

Também, nesse caso, o Processo de canonização e a Legenda estão de acordo. Celano se expressa dizendo que *‘aquilo que ensina com palavras, ilustra-o com o exemplo de*



¹¹⁷ 4ª Carta de Santa Clara à Santa Inês de Praga 33: FF 2907.

¹¹⁸ 2ª Carta de Santa Clara à Santa Inês de Praga 11: FF 2875: “... Lembre-se de sua decisão...”; 4ª Carta de Santa Clara à Santa Inês de Praga: FF 2901: “... cuja suavidade preenche, cuja lembrança ilumina suavemente”; 33: FF 2907: “Posta nessa contemplação, lembre-se de sua mãe pobrezinha...”; 34: FF 2907: “... sabendo que eu gravei sua feliz recordação de maneira indelével nas tábuas do meu coração...”; Processo de canonização de Santa Clara, Testemunha XIV 8: FF 3111: “Minhas Irmãs e minhas filhas, vocês devem lembrar sempre e guardar na memória a água bendita que saiu do lado direito de Nosso Senhor Jesus Cristo pendente na cruz”; Testamento de Santa Clara 67: FF 2849: “... as Irmãs que são súditas lembrem-se de que renunciaram à própria vontade por amar de Deus”; Regra de Santa Clara X,2: FF 2807: “Mas, as Irmãs súditas lembrem-se de que, por Deus, renunciaram à sua própria vontade”. Assim também na Regra bulada de São Francisco X,2: FF 101; Processo de canonização de Santa Clara, Testemunha II, 10: FF 2953: “... não queria falar de coisas seculares nem queria que as Irmãs lembrassem”.

*comportamento*¹¹⁹. Ela está familiarizada com o choro pela paixão de Cristo e, por tal motivo, seu ensinamento se torna coerente e verdadeiro. Encontramos ainda o binômio palavra/exemplo, já delineado nos dados bíblicos e da tradição.

Seria necessário fazer uma longa digressão, tipicamente medieval, sobre a centralidade de Cristo, porque essa parece ser a intenção de Santa Clara. Cristo, *livro e leitor*¹²⁰, é um dos temas caros ao mundo monástico, desde sempre. Nesse livro Santa Clara contempla a encarnação e paixão, pede para olhar, considerar, imitar. Esses três verbos, sugeridos à Inês, marcam um crescendo da consciência e da relação que uma irmã pobre deveria ter com Cristo. A obra formativa de Santa Clara está toda aqui, perfeitamente em consonância com a tradição e ao mesmo tempo portadora dessa novidade franciscana, que, assim, tão intensamente marca seu pensamento e sua maneira de se mover na realidade.

O objeto da atenção de Santa Clara são essas três faculdades da alma humana. São-no, porque na autoconsciência de si mesma, ela teve que trabalhar para que o amor sempre tivesse a direção de Cristo, no exercício do desejo e da vontade; a memória fosse preenchida pela paixão daquele Cristo que seus olhos continuamente contemplavam na imagem do Crucificado e que tinha testemunhado nas feridas de São Francisco; finalmente, para que o intelecto tivesse consciência de si mesmo, de sua própria fragilidade e, portanto, se expressasse com humildade.

¹¹⁹ *Legenda de Santa Clara* XXX,3: FF 3214.

¹²⁰ Para o tema, veja-se Biffi, *La filosofia monastica*, p. 281.



Existem outros dados do trabalho formativo de Santa Clara, que me parece, seja importante destacar. Apenas algumas ideias, para não perder a preciosidade dos dados.

A testemunha XVIII¹²¹ nos diz “*que, assim como ela era santa, assim também ensinou às suas filhas, para que, em santidade, servissem a Deus*”.

A vida, vivida como um serviço a Deus, é outro dos conteúdos formativos de Santa Clara. Aquele Deus a amar acima de todas as coisas; aquele Deus, que vive em nossas almas através da memória de Cristo, é o Deus a ser servido com a vida. Uma vida que se desenrola no claustro de São Damião, no caminho da pobreza, da santa unidade, do estar corporalmente reclusas, do estar constantemente numa posição de serviço; é tão verdadeiro tudo isso que, quando ela quer definir o papel da abadessa, a categoria que usa é, precisamente, essa.

As irmãs no Processo de canonização, e Celano na *Legenda*, não apenas nos dão os conteúdos formativos do ensinamento de Santa Clara, mas também nos oferecem as modalidades. O exemplo, em primeiro lugar, como já acentuado acima, e, depois, as virtudes, que são abundantemente descritas: a humildade, o amor religioso, o comportamento justo, a mansidão e a benevolência, a palavra ponderada, medida¹²².

Podemos, talvez, considerar as palavras de Paulo VI, também válidas para nós: “O homem contemporâneo escuta



¹²¹ Cf. *Processo de canonização de Santa Clara*, Testemunha XVIII,5: FF 3135.

¹²² Cf. *Legenda de Santa Clara* XI,1ss: FF 3178; *Processo de canonização de Santa Clara*, Testemunha VI,12: FF 3035; Testemunha XVII,8: FF 3130.

mais voluntariamente as testemunhas do que os mestres, e, se escuta os mestres, ele o faz porque eles são testemunhas”¹²³.

Antes de passar para a leitura da Regra, é necessário parar um pouco no capítulo 36 da Legenda, onde Celano nos dá o método formativo de Santa Clara.

Sem entrar na questão hagiográfica, que subjaz à Legenda e, sem nem mesmo alongar-nos sobre as convergências e divergências que ela apresenta em relação ao Processo de canonização, podemos também extrair, desse texto, algumas características essenciais. Não podemos esquecer que as palavras de Celano, mais do que aquelas do Processo de canonização e, talvez, até da Regra, foram o instrumento de transmissão da vida da santa, o modelo indiscutível ao qual gerações de irmãs, provavelmente, olharam ao longo dos séculos.

Colocado entre o grande florescimento monástico do século XII e o nascimento da escolástica no século XIII, o franciscanismo sofre, e em certo sentido assume, as prerrogativas desses dois fenômenos. Santa Clara, em particular, é influenciada, me parece, de forma decisiva, pela tradição monástica.

Se essa última é marcada por uma disciplina bem definida, na qual se distinguem duas categorias de exercícios, *corporalia*, jejum, vigília, trabalho e, *espiritualia*, lectio, oração, meditação¹²⁴, podemos, honestamente, dizer que Santa Clara é filha, no que diz respeito aos *corporalia*, da tradição monástica e, com toda probabilidade, muito próxima da reforma cisterciense.

¹²³ Cf. *Evangelii Nuntiandi* 41.

¹²⁴ I. Biffi, *La filosofia monastica...*, p. 333.



Aquilo que, nitidamente, distingue a experiência de Santa Clara são os *spiritualia*, embora não seja este o lugar para levar em considerar tal mudança.

Interessa-nos, nesse sentido, ver como Celano, na descrição do trabalho formativo de Santa Clara, descreve bem a tradição da disciplina monástica¹²⁵.

Em primeiro lugar, silêncio. Devemos a Dom J. Leclercq o estudo aprofundado sobre como o tema do silêncio atravessa a história do monaquismo; silêncio que é indicado como *quies mentis*¹²⁶. A vida monástica é silêncio, quietude da mente, que é sobriedade e simplicidade. Os ruídos não devem encontrar hospitalidade em nossa mente, pois essa é uma das maneiras de aderir profundamente ao mistério de Deus¹²⁷.

Como mencionado acima, o segundo ensinamento é sobre amar a Deus acima de todas as coisas, não se apegando ao amor dos parentes. É um tema evangélico de notável importância.

A terceira exortação, que poderia ser resumida na palavra jejum, isto é, aquela luta e aquela ascese inevitável que a vida das irmãs pobres conhece, para fazer frente à nossa fragilidade. Um jejum guiado pela razão. É interessante esse aspecto das palavras de Celano. Santa Clara mostra esse equilíbrio enquanto fala com Inês sobre a virtude da prudência.

O tema da tentação também é da grande tradição monástica, intimamente ligado à vigília, no sentido de vigília.

¹²⁵ Para o tema, cf. Ch. A. Lainati, *Lo stile formativo di Chiara d'Assisi*, in *santa Chiara d'Assisi (contemplare la bellezza di un Dio sposo)* p. 316ss.

¹²⁶ Para o tema, cf. J. Leclercq, *Otia Monastica* (étude sur le vocabulaire de la contemplation au moyen age), Romae 1963.

¹²⁷ Cf. *Processo de Canonização de Santa Clara*, Testemunha I, 7ss: FF 2931ss; Testemunha II, 3ss: FF 2946ss; Testemunha III, 3ss: FF 2969ss.



Nas palavras de Celano poder-se-ia dizer que isso remete à importância de conhecer a si mesmo. Cada um de nós é tentado de formas diferentes, de acordo com nossa história, nossa estrutura humana e espiritual. É necessário ter consciência de si, para poder enfrentar *o inimigo do gênero humano*. Santa Clara não negligencia esse aspecto importante da vida.

A disciplina, da qual falaremos mais tarde, quando abordaremos a *conversatio*, não é um conjunto de normas codificadas, às quais aderir com passividade. É um caminho a ser percorrido, porque antes de nós alguém já o percorreu e nos traçou a via.

Finalmente, o trabalho. Celano o descreve como profundamente radicado na tradição monástica. O trabalho serve *ao otium*, no sentido de que permite com que a oração seja mais fervorosa e sirva contra a *otiositas*, aquela que chamamos de preguiça, acídia. Conhecemos bem as nuances franciscanas sobre o tema do trabalho, mesmo que o texto de Celano não o evidencie.

Os *spiritualia* não são descritos pela Legenda, nem mesmo as irmãs lhe dão destaque particular. Parece-me, no entanto, que deveríamos olhar, com esses óculos, as cartas para Inês de Praga. Essas são cartas que, antes de tudo, querem transmitir à Inês uma experiência, conselhos concretos; são, poderíamos dizer, formativos de forma singular.

Eles também descrevem um estilo formativo, aquele da carta, ou seja, o da relação, que é compartilhamento, que é ensinamento, abertura do coração, entrega de uma herança.

Santa Clara mestra, vive e transmite dessa forma o que ela, por sua vez, recebeu de São Francisco. Ela o transmite



fazendo-o seu, próprio, dentro de uma experiência de confronto contínuo, assumindo o que a beneficia, deixando de fora o que não é necessário para o dom do Espírito, do qual ela é portadora. Nisso também existe uma sabedoria educativa, que os santos vivem naturalmente. É uma adesão à realidade e, ao mesmo tempo, uma profecia das novas coisas do Reino.

8. A mestra na regra de Santa Clara

Como dizíamos acima, não aparece no *corpus* dos escritos clarianos o menor indício da presença de uma mestra instituída, a quem Santa Clara tenha delegado a tarefa da formação. Se isso é verdade, é igualmente verdade que, na Regra, essa figura é descrita, ainda que brevemente, com acentos singulares, dos quais podemos delinear a identidade da mestra.

78



Com a sabedoria que distingue a elaboração do texto legislativo, também no que diz respeito à mestra, Santa Clara se move com liberdade em relação aos textos legislativos com os quais entrou em contato¹²⁸.

Obrigada, com toda a probabilidade, pela norma eclesial a fazer as noviças viverem o ano da prova, a Madre exige que elas sejam confiadas a uma irmã entre as mais discretas do mosteiro¹²⁹.

Parece que a única característica que define a identidade da mestra seja a *discretio*. O tema é caro a Santa Clara, que, na

¹²⁸ Cf. *Il Vangelo come forma di vita*, p 150-152.

¹²⁹ “*Abbatissa sollicite magistram provideat de discretioribus totius monasterii*”.

Regra¹³⁰, utiliza o termo em diferentes contextos. Usa o termo também na 3ª carta à Inês e no Testamento¹³¹.

Nos escritos de São Francisco, o substantivo *discretio* ocorre 3 vezes e o verbo 4 vezes. A *discretio* permite a reta aplicação da regra geral na administração da Eucaristia e na vida religiosa; em particular, a *discretio* é o uso da *prudencia* na dispensa da regra geral por necessidades particulares¹³².

O que entendemos, quando falamos de *discretio*?¹³³

O substantivo *discretio*, traduzível ao português, tanto como discernimento quanto como discricção, deriva do verbo *discerno*, que traduz os verbos gregos *diakrino*, no sentido de distinguir e, em parte, *dokimazo*, no sentido de avaliar. O conceito resultante herda duas valências de distinção e de avaliação; na verdade, avaliar nada mais é do que distinguir de acordo com uma gradação de valores¹³⁴.

Discricção¹³⁵, *diakrasis*, é um termo que, de acordo com nosso uso, pode ter um significado mais brando, às vezes genérico, a ser usado no sentido de proporção ou bom senso; discernimento é um termo mais comprometedor, que é

¹³⁰ Cf. verbete *discrezione*, em *Il Vangelo come forma di vita*, p. 523.

¹³¹ 3ª Carta de Santa Clara à Santa Inês de Praga, 31: FF 2895; 40: FF 2897; Testamento de Santa Clara 63: FF 2848.

¹³² Carta aos Custódios (primeira recensão) I, 4: FF 241; Admoestação XXVII, 6: FF 177; Regra não bulada de São Francisco 20,2: FF 53; Testamento de São Francisco 11: FF 114; Carta aos Fiéis (segunda recensão) 28-30: FF 191-192; Carta a toda Ordem 23: FF 220.

¹³³ Para o tema, cf. interessante artigo de Andrea di Maio, *Note sul discernimento in prospettiva francescana, antoniana e bonaventuriana*, in *Frate Francesco* n.1 Aprile, 2020, p. 81ss.

¹³⁴ *Ib.* p. 81.

¹³⁵ Cf. verbete *Discretion*, in *Dictionnaire de Spiritualité*.



privilegiado quando nos referimos, por exemplo, ao dom do Espírito, do qual Paulo fala, ou todas as vezes que na tradição monástica ou cristã, em geral, se fala da capacidade de conhecer, distinguir, decifrar os sinais da vontade de Deus em qualquer situação.

O substantivo *diakrisis* aparece 3 vezes no NT¹³⁶. Enquanto que, no texto da Carta aos Coríntios, tem o sentido de discernimento dos espíritos, na Carta aos Hebreus designa mais a capacidade de distinguir o bem do mal.

O termo *discretio* da literatura cristã primitiva parece ter sido emprestado de São Paulo. No século IV, por ex. Jerônimo, Ambrósio, o termo assume o valor de *mensura, modus, modestia, moderatio*. Agostinho o usa no sentido arcaico de divisão, separação.

80

Cassiano parece ser o primeiro a expressar, com esse termo, a virtude de quem preserva, de todo excesso, o zelo da perfeição e, a mantém no justo equilíbrio.

Etimologicamente, pois, *discretio* significa discernimento, hábito de distinguir o bem do mal e a justa medida entre dois extremos.

A discrição pertence à faculdade da inteligência. Cassiano faz a discrição residir dentro da *nous* e, séculos mais tarde, Ricardo de São Victor, analisando essa virtude, distingue cinco elementos: *dijudicatio*, exercício de um julgamento justo, isto é, o que é lícito ou não é lícito; *deliberatio*, com a qual é feita a

¹³⁶ Rm 14,1: "Acolhei quem fraqueja na fé, sem discutir suas opiniões"; 1Cor 12,10: "... outro, realizar milagres; outro profecia; outro, o discernimento dos espíritos; outro, falar línguas diferentes; outro, interpretar línguas misteriosas..."; Hb 5,14: "O alimento sólido é para os maduros, que com a prática e o treinamento dos sentidos sabem distinguir o bem do mal".

distinção entre o que é conveniente ou não conveniente; *dispensatio*, distingue o que é apropriado ou não apropriado; *dispositio*, distingue o que está em conformidade com a ordem ou não conformidade; *moderatio*, diz respeito à medida que não permite que os limites sejam excedidos.

A noção tradicional de *discretio* tem sido frequentemente nomeada como ‘a via régia’, expressão que lembra o AT, particularmente o livro dos Números¹³⁷.

Nos povos antigos, a via régia era uma estrada que levava à capital, a residência do rei, sem desvios, mas reta.

Essa via se tornou um símbolo, uma imagem da discrição. Andar na via régia significa praticar a virtude da *discretio*, para não andar nem à direita nem à esquerda, para exercitar uma virtude, nem em excesso nem em déficit.

A Teologia Moral e Espiritual, da pré-escolástica em diante, identificaram a *discretio* com a virtude da prudência¹³⁸, porque a maioria dos efeitos atribuídos a essa virtude também são da discrição. No entanto, deve-se dizer, com razão, que antes do século XII, o termo prudência nunca teve o significado de discernimento.

O tema é caro à tradição franciscana e, sem dúvida, Santa Clara o toma emprestado da tradição monástica anterior. Por isso, é bom dar uma olhada.

Em sua Regra, São Bento define a *discretio* como mãe das virtudes¹³⁹; citação, na qual, por sua vez, está implícito uma

¹³⁷ “... iremos pelo caminho real, sem nos desviar para a direita ou para a esquerda, até atravessarmos teu território...” (Num 20,17).

¹³⁸ *Discretio quae ad prudentiam pertinet*, em S. Tommaso d’ Aquino, 3 sententia.

¹³⁹ *Regra de São Bento* 64,19.



passagem das Conferências de Cassiano¹⁴⁰. Ler esse texto é, particularmente, esclarecedor para entender o pensamento de São Bento e, em geral, o de toda a tradição monástica.

Resumindo, podemos dizer que a discrição, no âmbito monástico, é a virtude que pode dar consistência e duração às outras, porque é o dom que nos faz perceber, em termos concretos, o que agrada a Deus, o que ele quer em todas as circunstâncias. É o dom que nos faz entender qual é o caminho, a medida, o tempo e o lugar apropriado para uma determinada coisa.

Avançando ainda mais profundamente no pensamento dos Pais, descobrimos que a *discretio*, por sua vez, é gerada pela humildade. Cassiano faz o *Abbá Moisés* dizer: '*vamos esforçar-nos para alcançar a virtude da discrição, por meio da prática da humildade*'¹⁴¹.

Mais próximo de Santa Clara e São Francisco, São Bernardo escreve que a *discretio* é a *ordinatio charitatis*; com ele, Ricardo de São Victor, como mencionado acima, trata longamente dessa virtude, chegando à conclusão de que *ordinata caritas* e *discretus amor* são, praticamente, sinônimos; em particular, a discrição ordena a caridade em nós.

Ao ler os autores antigos, nunca terminaríamos de falar de discrição, e se devêssemos dizer algo mais ousado sobre a *discretio*, tentando puxar os fios daquilo que São Bento, em sua Regra nos dá, teríamos que recorrer ao paradoxo da encarnação, ao abaixamento do Verbo, à escolha da estultice, para que possa surgir uma vida plena.

¹⁴⁰ Cassiano, *Conferenze spirituali*, II, la Discrezione, ed. Paoline p. 95ss.

¹⁴¹ *Ibidem*, II, XVI.



*Diakrino*¹⁴², basicamente, significa atravessar, *dia*; o pensamento que julga e mede, para chegar ao cumprimento que não cancela o limite e a fragilidade, mas os assume.

A discricção, pois, torna-se uma questão de temperança, não de acomodação, onde a medida é decidida não a partir do próprio ponto de vista, mesmo que ideal, mas, da atenção aos outros, aos tempos, à complexidade da realidade. Por essa razão, a alma da discricção, além de ser a custódia do Evangelho, é a atenção aos tempos, ao limite humano, ao surgimento do humano em cada geração. Entre a medida do Evangelho e a nossa ‘carne’, permanece e sempre permanecerá uma lacuna, que deve gerar uma dialética, precisamente aquela da *discricção*, na qual somente a bússola da fé pode ser guia.

Por essa razão, as Regras antigas, e nesse sentido também a de Santa Clara, ao lado da norma, sempre, preveem sua exceção! A medida que leva em conta o limite, o contexto, dos milhares de variáveis da experiência humana.

A mestra, para Santa Clara, deve ser dotada dessa virtude. Quem se prepara para introduzir uma formanda na forma de vida evangélica, deve saber fazer esse trabalho ininterrupto da dialética entre o Evangelho e a carne, entre o ideal e o real, entre a beleza e o limite. Podemos dizer que é um serviço, que coloca a pessoa em um limiar, a partir do qual pode perscrutar o horizonte do divino, por um lado, e do humano, por outro; examiná-lo não para julgá-lo, mas para integrá-lo, com os

¹⁴² *Dia*, em Grego, significa através; *Krino*, por sua vez, significa julgar, condenar, estabelecer, considerar, extinguir, preferir (Cf. Carlo Buzzetti, *Dizionario base del Nuovo Testamento (com statistica-base) GRECO-LATINO*, in collaborazione con Bruno Corsani, Libreria Sacre Scritture, Via Quattro Novembre 107, Roma, 1989.



instrumentos que a tradição, a Regra e nossa própria história nos dão para viver.

A História da Igreja legou-nos em sua sabedoria, nos tempos modernos, o carisma da Companhia de Jesus, com o qual se fala de todos os aspectos de um método de discernimento. Seríamos ingênuos se não levássemos em conta essa riqueza; por outro lado, seríamos superficiais se não tentássemos dar uma olhada profunda na tradição monástica, que, talvez, nunca tenha deixado um método, assim como nós o entendemos, mas legou-nos uma experiência.

Uma experiência, com relação a um método, precisa ser analisada, lida, reelaborada, nunca adaptada. Nesse sentido, Santa Clara e São Francisco, são mestres capazes de mover-se nesse limiar, onde o olhar, varrendo o horizonte, é capaz de agarrar o Todo do mistério. E é, precisamente, nesse olhar, que eles permitem ser transformados e se tornam capazes de seguir o Mistério, assim como é revelado a eles!

Se a identidade é definida pela *discretio*, a tarefa do verbo *formar*, na Regra, apesar de sua brevidade, também nos é dada a modalidade com a qual a mestra é chamada a realizar seu serviço.

A *santa conversação* é um tema sobre o qual vale a pena parar com um pouco de calma. Várias vezes, nessas páginas, o tema da *conversatio* apareceu em nossa forma de proceder. Para compreendê-lo melhor também é necessário, aqui, olhar para a história que precedeu Santa Clara.

Nos escritos dos Padres e naqueles monásticos, o termo *conversatione* sempre é usado da mesma forma com a qual o termo *conversatio* é usado. Remete ao que está escrito no estudo



de Martino Conti, em mérito ao comentário que faz desse termo¹⁴³, para evitar de pensar que estamos enfrentando colóquios espirituais genéricos!

Paremos, agora, para analisar, mais de perto, o termo em sua beleza.

A *conversatio* monástica tem sua origem nos métodos espirituais usados pelos Padres do deserto, expressos pela palavra grega *politeia*. Na cultura grega, o termo significava constituição, regime político e, também, comportamento, uma espécie de vida pessoal. Se a palavra *bios* se referia aos aspectos externos da vida de uma pessoa, se *zoe* significava a realidade sensitiva, *politeia* assumia o sentido de vida de virtude, a vida moral, juntamente com os meios necessários para alcançá-la.

Em São Paulo esse termo é usado na Carta aos Efésios e na Carta aos Filipenses¹⁴⁴ e na Vulgata é traduzido, precisamente, com o termo *conversatio*¹⁴⁵. Esse último termo, na verdade, traduziu outro termo, *anastrofe*, vida reta, traduzida como comportamento, conduta¹⁴⁶. Hoje traduzimos *politeia* como

¹⁴³ *Il Vangelo come forma di vita*, n. 141 p. 151.

¹⁴⁴ Ef 2,11-12: "... recordai que naquele tempo vivíeis sem Messias, excluídos da cidadania de Israel, alheios à aliança e suas promessas, sem esperança e sem Deus no mundo..."; Fil 1,27: "...que vossa conduta seja digna da boa notícia de Cristo e, assim quer eu vá ver-vos, quer continue ausente, terei notícias de que vos conservais unidos em espírito e coração, lutando juntos pela fé na boa notícia..."; Fil 3,20: "...somos cidadãos do céu, de onde esperamos receber o Senhor Jesus Cristo...".

¹⁴⁵ Com simplicidade, Du Cange, no verbete *conversatio*, assim se exprime: *Monachismus, vita monachica*.

¹⁴⁶ Gl 1,13: "Ouvistes falar de minha precedente conduta no judaísmo: eu perseguia violentamente a igreja de Deus, tentando destruí-la..."; Ef 4.22: "...despojai-vos da conduta passada, da velha humanidade que se corrompe com desejos enganosos..."; 1Tim 4,12: "Ninguém te despreze por seres jovem; procura ser modelo dos fiéis na palavra, na conduta, no amor, na fé, na pureza"; Hb 13,7: "Recordai vossos guias, que vos transmitiram a palavra de Deus; observando o desenlace de sua vida, imitai

cidadania, pátria, pertencimento, conduta, vida cotidiana. Ele, basicamente, veicula a ideia de que, pertencer a um grupo, implica um novo modo de vida a ser praticado e internalizado, por aquele que entra e passa a fazer parte desse grupo.

Cada monge, ou grupos de monges, tinha sua própria *politeia*, seus próprios e específicos compromissos, suas próprias observâncias, que permitiam ao monge crescer em liberdade de espírito. No nascimento da vida cenobítica, o carisma próprio dos *fundadores* era precisamente aquele de estabelecer uma *politeia*, como por exemplo, Pacômio. Cassiano, em suas *Instituições*, usa o termo *conversatio*. O objetivo da regra monástica é garantir, basicamente, a autenticidade da *conversatio* praticada pela comunidade. E o conteúdo dessa *conversatio*, em termos modernos, poderíamos realmente defini-lo como um método espiritual.

Para São Bento, o termo assume o significado de um programa ascético, que o monge assume como um caminho espiritual, que o levará ao encontro com seu Criador e, ao mesmo tempo, esse programa é a razão de ser da própria Regra.



sua fé”; Tt 3,13: “Há entre vós alguém sensato e prudente? Demonstre com sua boa conduta que age guiado pela modéstia da sensatez”; 1Pd 1,15: “... visto que é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em todo o vosso agir...”; 1Pd 1,18: “Sabei que vos resgataram de vossa vá conduta recebida em herança, não com prata e ouro corruptíveis...”; 1Pd 2,12: “Agi honradamente em meio aos pagãos, e assim os que vos difamam como malfeitores, ao verem vossas boas obras, glorificarão a Deus no dia das contas...”; 1Pd 3,1-2: “Da mesma forma vós, mulheres, submetei-vos a vossos maridos, de modo que, embora alguns não cream na mensagem, mesmo sem palavras, acabem conquistados ao observarem vosso proceder casto e respeitoso”; 1Pd 3,16: “Porém com modéstia e respeito, com boa consciência; de modo que aqueles que difamam a vossa boa conduta cristã fiquem confundidos de vos ter difamado”; 2Pd 2,7: “... embora tenha libertado Ló, o justo, que sofria com a conduta dos libertinos, o justo que morava entre eles...”; 2Pd 3,11: “E se tudo vai se desfazer desse modo, como deveis ser vós? Na conduta santos e religiosos...”

Em sua Regra existe um certo *jogo* de compreensão e complementaridade entre os termos *conversatio* e *conversio*. Às vezes, parece que na tradição, eles são usados indistintamente.

Conversatio morum parece indicar o aspecto pessoal e subjetivo da profissão monástica. Um estudo mais aprofundado da Regra, na verdade, indica que o termo tem um significado mais objetivo: “*é o modo típico e fundamental de viver a vocação monástica*”¹⁴⁷.

Basicamente, é uma dinâmica na qual a própria conversão pessoal, e as observâncias comunitárias contribuem para que o monge nada anteponha ao amor de Cristo.

Ao final do capítulo IV da Regra, como se resumisse todo o conteúdo desse capítulo, São Bento usa esta expressão: “*Aqui, portanto, estão os instrumentos da arte espiritual*”¹⁴⁸.

A expressão é bastante significativa e apresenta bem o conteúdo da *conversatio*. É necessário o uso de instrumentos para crescer na arte espiritual. Desse dinamismo nenhuma vida contemplativa, que realmente é assim, pode escapar.

A palavra latina *ars* traduz o *tecne* grego e torna a ideia muito plástica, como a de um operário que é treinado no aprendizado da conversão monástica. Se fôssemos percorrer todo o capítulo IV da Regra de São Bento, perceberíamos que os instrumentos da arte espiritual são descritos de uma forma específica: existem as virtudes cristãs, as observâncias

¹⁴⁷ *Il libro della trappa*, p. 23. Para as citações, cf.: Regra de São Bento (entre parêntesis as traduções ao Português). Pról. 49 (caminho de conversão); I,3.12 (padrão de vida); 21,1 (vida santa); 22,2 (costumes monásticos); 58,1-17 (vida monástica, conversão de vida); 63,1 (mérito de suas vidas); 73,1.2 (forma de conversão e vida monástica).

¹⁴⁸ Regra de São Bento 4,75, *instrumenta artis spiritualis*.



monásticas, a disciplina da mente e do coração e a disposição interior.

Assim, a palavra arte, que São Bento usa, parece expressar a ideia de uma técnica, um método, diríamos hoje, que não perde o significado original da palavra *politeia*. Portanto, *a conversatio* é uma arte espiritual, na qual tudo está exatamente em seu lugar: as observâncias, as disposições internas, a oração e o jejum, a vida fraterna e o trabalho.

Santa Clara, na Regra, nomeia explicitamente os três votos, como o caminho dessa arte espiritual. Na verdade, olhados à luz da tradição, os votos que professamos são a via segura para alcançar a plena transformação do coração à imagem do Filho. Ao lado deles, ela não tem medo de se referir à grande experiência monástica, falando explicitamente de *conversatio* e, assim, tendo em mente que é um dinamismo que jamais se deixará de viver.

São Francisco nunca usa esse termo, enquanto que Santa Clara, além do Capítulo II da Regra, também o usa em seu Testamento e na primeira carta à Inês¹⁴⁹.

É evidente que, a partir do uso que ela faz do termo, no contexto completamente diferente do testamento e da carta, que o termo recorda a vida, a vida em sua totalidade, feita de nossa interioridade, mas, também, das *observâncias* ou disciplinas que a própria Regra nos dá, e que a tradição nos lega.



¹⁴⁹ Testamento de Santa Clara 14: FF 2827: 56: FF 2845; 70: FF 2849; 1ª Carta de Santa Clara à Santa Inês de Praga 3: FF 2860.

Poderíamos dizer, com Cassiano, que a “*conversatio* é a parte ativa da vida espiritual, a vida ativa”¹⁵⁰.

Nesse sentido, com muita serenidade, podemos realmente dizer que toda a nossa vida é formativa. O cotidiano, com suas milhares facetas, torna-se a arte da nossa formação, o lugar e o método. Cada pequeno fragmento contém o Todo desse Mistério que atraiu cada uma de nós ao seguimento do Cristo pobre e crucificado e, por essa razão, cada fragmento do nosso viver tem dentro de si a potencialidade da Palavra que, se ouvida, tem a força para converter nossa vida e direcioná-la de forma decidida e decisiva em direção da realização, para a qual fomos chamadas.

Necessário se faz abrir um pequeno parêntesis em relação a outra expressão da Regra: *honestis morbus*. Honestidade dos costumes/da moral. A expressão parece ter uma referência direta ao que São Bento escreve no último capítulo da Regra:

*escrevemos essa Regra para que, observando-a em nossos mosteiros, demos provas de uma certa seriedade de costumes/da moral ou de ter, pelo menos, dado os primeiros passos no caminho da conversão*¹⁵¹.

*Por seriedade dos costumes/da moral devemos entender, aqui, uma vida cristã reta*¹⁵². Aprofundando o tema nos escritos de Cassiano, entende-se que, com essa expressão, muitas vezes

¹⁵⁰ Dictionnaire de Spiritualité, verbete *Conversatio*, Cf. Cassiano, Conferenze Spirituali, XIV.

¹⁵¹ Regra de São Bento 73,1: *Regula autem hanc descripsimus, ut hanc observatens in monasteriis aliquantes vel honestatem morum aut initium conversationis nos demonstreremus habere.*

¹⁵² G. Holzherr, *La Regola di Benedetto, introduzione alla vita cristiana*, p. 626.



acompanhada pelo termo *conversatio*, quer dizer a prática das virtudes, com as quais se extirpam os vícios e se *reforma* a vida.

É evidente que as expressões que Santa Clara usa na Forma vitae têm esse substrato monástico muito preciso. Não se elimina o combate espiritual, que faz parte dessa modalidade com a qual as noviças são formadas, para que possam professar nossa forma de vida. Aparece assim o humanismo integral, que, de certa forma, é o amplo horizonte do serviço da mestra: corpo e alma têm necessidade de serem ‘treinadas’ para o serviço de Deus, a fim de que todo o homem possa ser orientado para o Evangelho de Cristo.

Quando Santa Clara, no capítulo VI da Regra, para introduzir a forma de vida de São Francisco, se expressa com aquelas expressões tão significativas, “*vendo o bem-aventurado pai que não temíamos nenhuma pobreza, trabalho, tribulação, humilhação e desprezo do mundo, antes tínhamos tudo isso como um prazer*”¹⁵³, ela não está fazendo nada além de descrever a honestidade dos costumes, dos quais se fala no Capítulo II¹⁵⁴. É um específico contexto penitencial, no qual ela se reconhece, reconhecendo também sua maneira particular de olhar para a miséria de Cristo, “*que, para nossa salvação, tornou-se o mais vil dos homens*”¹⁵⁵.

Essa forma de ler a *conversatio morum* é totalmente franciscana; poderíamos dizer, talvez de uma forma ousada, que é nossa linguagem. Não podemos deixar de pensar nas palavras de São Francisco, no Testamento:

¹⁵³ Cf. Regra de Santa Clara VI, 2: FF 2788.

¹⁵⁴ Cf. Regra de Santa Clara II, 1ss: FF 2754ss.

¹⁵⁵ Cf. 2ª Carta de Santa Clara à Santa Inês de Praga, 19.21: FF 2879.



Foi assim que o Senhor concedeu a mim, Frei Francisco, começar a fazer penitência: como eu estivesse em pecados, parecia-me sobremaneira amargo ver leprosos. E o próprio Senhor me conduziu entre eles, e fiz misericórdia com eles. E afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo se me converteu em doçura de alma e corpo; e, depois, demorei só um pouco e saí do mundo¹⁵⁶.

O amargo torna-se doce na *conversatio* franciscana; a pobreza, a fadiga, a humilhação, a tribulação e o desprezo pelo mundo tornam-se delícias, na linguagem de Santa Clara. Ela dirá isso no dia de seu santíssimo trânsito, quando, respondendo a Frei Reinaldo, dirá:

Irmão querido, desde que conheci a graça de meu Senhor Jesus Cristo por meio do seu servo Francisco, nunca mais pena alguma me foi molesta, nenhuma penitência foi pesada, doença alguma foi dura¹⁵⁷.



Para Santa Clara, uma mestra deve ser uma especialista nisso, ela deve ter experimentado, em sua pessoa, que o amargo pode ser transformado em doce; que na escola de Cristo pobre e crucificado, o olhar se aprofunda ao ponto de ver o que os outros não veem.

Isso uma mestra o vê, antes de tudo, em si mesma, depois, naquelas confiadas a ela. E é através do mistério desse olhar que se pode vir a ser irmãs pobres.

¹⁵⁶ *Testamento de São Francisco de Assis*, 1-4: FF 110.

¹⁵⁷ *Legenda de Santa Clara* 44,4: FF 3252-54.



T



BIBLIOGRAFIA

Concordanze ebraico, greco AT e NT.

Dictionaire de spiritualità.

DIP

Sinossi cromatica; e gli altri due volumi dello studio federale.

Origini del monachesimo. Note 28,29,30.

Pontico, Evagrio. *De oration*.

Agostinho:

De vera religione.

De doctrina christiana.

De catechizandis rudibus.

Confessionum libri.

De Civitate Dei.

Agostino, *La Trinità*, Città nuova, Roma, 1973.

Bento XVI, *CARTA ENCÍCLICA DEUS CARITAS EST*, in https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html, acceso 17/06/2021.

Boccali, Giovanni (a cura di). *Fonti Clariane*, Padova, Editrice Francescane, 2015.

Biffi, Inos. *Fiolosofia monastica: sapere Gesù*. Milano, Jaca Book, 2008.

Boccali, Giovanni (a cura di). *Santa Chiara d'Assisi sotto processo. Lettura storico-spirituale degli atti di canonizzazione*, Assisi, Porziuncula, 2003.

Calmet, Augustin. *Commentario letterale, istorico, e morale sopra la Regola di S. Benedetto*. Volume 2 (a cura del convento di S. Benedetto in Bergamo).

Caroli, Ernesto (a cura di). *Dizionario francescano*, Padova, Edizione Messaggero, 2002. Em português: *Dicionário Franciscano*, Petrópolis, Vozes - Cefepal, 1993.

Caroli, Ernesto (a cura di). *Fonti Francescane*, Terza edizione, rivista e aggiornata, Padova, Editrice Francescane, 2011. Em português: *Fontes Franciscanas e Clarianas*, Org. Frei Celso Márcio Teixeira, OFM, Petrópolis, Editora Vozes – FFB, 2004.

Conti, Martino. *Il codice di comunione dei Frati Minori*. Roma, Antonianum, 1999.

Garcia M. Colombas. *Il monachesimo delle origini. Spiritualità*. Milano, Jaca Book, 2017.

Kolzherr, Georg. *La regola di Benedetto, Introduzione alla vita cristiana*, Bologna, Edizioni Dehoniane, 2012.

Leclercq, Jean. *Cultura umanistica e desiderio di Dio*. Firenze, Sansoni, 2002.

Leclercq, Jean. *Otia Monastica: études sur le vocabulaire de la contemplation au Moyen âge*, Pontificium Institutum S. Anselmi, Romae, Herder, 1963.

Maio, Andrea di. *Note sul discernimento in prospettiva francescana, antoniana e bonaventuriana*, in *Frate Francesco*, n. 1, Aprile, 2020.

Nissa, Gregorio di. *Fine, professione e perfezione del cristiano*, Roma, Città Nuova Editrice, 1979.

Penco, Gregorio. *Spiritualità monastica: Aspetti e momenti*. Scritti Monastici-Abbazia di Praglia di Teolo(PD), 1988.



Penco, Gregorio. *Storia del monachesimo in Italia. Complementi alla Storia della Chiesa*. Milano, Jaca Book, 1983.

Roberts, Augustin. *Il libro della trappa. Orientamenti pratico-dottrinali sulla professione monastica*. Milano, Jaca Book, 1975.

Veilleux, Armand OCSO, La formazione monastica, in <http://www.abbaziaborzone.it/wp-content/uploads/2018/04/monachesimo-Linee-di-formazione-monastica-Armand-Veielleux.pdf>, acesso 15/06/2021.

Zavalloni, Roberto. *Pedagogia Franciscana, Desenvolvimento e Perspectivas*. Petrópolis, Vozes 1999.

Textos de e sobre Santa Clara de Assis

Regra de Santa Clara, In: *Fontes Franciscanas e Clarianas*, Org. Frei Celso Márcio Teixeira, OFM, Petrópolis, Editora Vozes – FFB, 2004, p. 1713-1725: FF: 2744-2822.

Legenda de Santa Clara, In: *Fontes Franciscanas e Clarianas*, Org. Frei Celso Márcio Teixeira, OFM, Petrópolis, Editora Vozes – FFB, 2004, p. 1788-1825: FF 3149-3278.

Processo de Canonização de Santa Clara, In: *Fontes Franciscanas e Clarianas*, Org. Frei Celso Márcio Teixeira, OFM, Petrópolis, Editora Vozes – FFB, 2004, p. 1826-1878: FF 2919-3148.

Testamento de Santa Clara, In: *Fontes Franciscanas e Clarianas*, Org. Frei Celso Márcio Teixeira, OFM, Petrópolis, Editora Vozes – FFB, 2004, p. 1726-1731: FF 2823-2853.

1ª Carta de Santa Clara à Santa Inês de Praga, In: *Fontes Franciscanas e Clarianas*, Org. Frei Celso Márcio Teixeira, OFM, Petrópolis, Editora Vozes – FFB, 2004, p. 1703-1705: FF 2859-2870.

2ª Carta de Santa Clara à Santa Inês de Praga, In: *Fontes Franciscanas e Clarianas*, Org. Frei Celso Márcio Teixeira, OFM, Petrópolis, Editora Vozes – FFB, 2004, p. 1705-1707: FF 2871-2882.



3ª Carta de Santa Clara à Santa Inês de Praga, In: *Fontes Franciscanas e Clarianas*, Org. Frei Celso Márcio Teixeira, OFM, Petrópolis, Editora Vozes – FFB, 2004, p. 1707-1710: FF 2883-2898.

4ª Carta de Santa Clara à Santa Inês de Praga, In: *Fontes Franciscanas e Clarianas*, Org. Frei Celso Márcio Teixeira, OFM, Petrópolis, Editora Vozes – FFB, 2004, p. 1710-1712: FF 2899-2911.

Textos de São Francisco de Assis

Admoestações, In: *Fontes Franciscanas e Clarianas*, Org. Frei Celso Márcio Teixeira, OFM, Petrópolis, Editora Vozes – FFB, 2004, p. 95-104: FF 141-178.

Antífona à Santa Virgem Maria, In: *Fontes Franciscanas e Clarianas*, Org. Frei Celso Márcio Teixeira, OFM, Petrópolis, Editora Vozes – FFB, 2004, p. 142: FF 281

Carta enviada a toda Ordem, In: *Fontes Franciscanas e Clarianas*, Org. Frei Celso Márcio Teixeira, OFM, Petrópolis, Editora Vozes – FFB, 2004, p. 121-125: FF 214-233.

Carta aos Custódios (primeira recensão), In: *Fontes Franciscanas e Clarianas*, Org. Frei Celso Márcio Teixeira, OFM, Petrópolis, Editora Vozes – FFB, 2004, p. 109-110: FF 240-244.

Carta aos Fiéis (segunda recensão), In: *Fontes Franciscanas e Clarianas*, Org. Frei Celso Márcio Teixeira, OFM, Petrópolis, Editora Vozes – FFB, 2004, p. 113-119: FF 179-206.

Regra bulada, In: *Fontes Franciscanas e Clarianas*, Org. Frei Celso Márcio Teixeira, OFM, Petrópolis, Editora Vozes – FFB, 2004, p. 157-165: FF 73a-109a.

Regra não bulada, In: *Fontes Franciscanas e Clarianas*, Org. Frei Celso Márcio Teixeira, OFM, Petrópolis, Editora Vozes – FFB, 2004, p. 165-186: FF 1-73.

Testamento, In: *Fontes Franciscanas e Clarianas*, Org. Frei Celso Márcio Teixeira, OFM, Petrópolis, Editora Vozes – FFB, 2004, p. 188-191: FF 110-131.





ISBN: 978-65-88060-20-9



9 786588 060209

CD

A rectangular box containing the ISBN number, a barcode, and the number 9 786588 060209. The letters 'CD' are printed vertically on the left side of the box.